



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE GESTÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

TAMIRES MARIA DA CONCEIÇÃO FERRAZ

**ANÁLISE DA RELAÇÃO TRABALHO-VIDA PRIVADA DOS TRABALHADORES
INFORMAIS DE LAVANDERIAS E FACÇÕES DA CIDADE DE TORITAMA-PE**

Caruaru
2023

TAMIRES MARIA DA CONCEIÇÃO FERRAZ

**ANÁLISE DA RELAÇÃO TRABALHO-VIDA PRIVADA DOS TRABALHADORES
INFORMAIS DE LAVANDERIAS E FACÇÕES DA CIDADE DE TORITAMA-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado ao Curso de Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Administração.

Área de concentração: Organizações

Orientadora: Prof. Dr.^a Aline Fábila Guerra de Moraes

Caruaru
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Ferraz, Tamires Maria da Conceição.

Análise da relação trabalho-vida privada dos trabalhadores informais de lavanderias e facções da cidade de Toritama-PE / Tamires Maria da Conceição Ferraz. - Caruaru, 2023.

77p. : il.

Orientador(a): Aline Fábria Guerra de Moraes

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Administração, 2023.

Inclui referências, apêndices.

1. Relação de trabalho. 2. Informalidade. 3. Toritama. 4. Polo de Confeções do Agreste. I. Moraes, Aline Fábria Guerra de. (Orientação). II. Título.

650 CDD (22.ed.)

TAMIRES MARIA DA CONCEIÇÃO FERRAZ

**ANÁLISE DA RELAÇÃO TRABALHO-VIDA PRIVADA DOS TRABALHADORES
INFORMAIS DE LAVANDERIAS E FACÇÕES DA CIDADE DE TORITAMA-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado ao Curso de Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Administração.

Aprovado em: 04 de outubro de 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.^a Aline Fábila Guerra de Moraes (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/CAA)

Prof.^a. Dr.^a Ana Márcia Batista Almeida Pereira (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/CAA)

Prof.^a. Dr.^a. Myrna Suely Silva Loreto (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/CAA)

Dedico este trabalho a meus pais Antônio e Maria, por me dar forças nos momentos que mais precisei, por me guiarem, pelo amor e cuidado, por ser a primeira da minha família a estar se formando em uma universidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sempre esteve comigo e por ter me dado forças para superar todos os obstáculos, pela dádiva da vida, pelas minhas conquistas, por nunca desistir apesar de todas as adversidades, por ter me feito uma pessoa a sua imagem e semelhança, por ter cuidado de mim de uma forma sobrenatural e por me guiar no caminho que é propósito dele.

Agradeço aos meus pais Antônio e Maria por ter se dedicado por cada um dos seus 11 filhos, incentivados a buscar através do estudo uma vida melhor, por eles me dediquei durante esses 5 anos da universidade para mostrar que uma filha de agricultores consegue vencer na vida, pelas idas me buscar no ônibus para me levar para casa, pelo cuidado e amor, fizeram o possível e impossível para me ajudar na caminhada da vida.

Agradeço a meu esposo Vanderson, por sempre me incentivar a estudar e a ler, por ser uma pessoa maravilhosa em minha vida, pela sua paciência nos momentos que eu estava mais estressada e preocupada com a produção do trabalho de conclusão de curso e com os trabalhos da universidade, pela nossa família que construímos, nossos filhos de quatro patas: Noah, Rebecca e Shelby.

Agradeço a minha família, que contribuíram durante toda a minha vida acadêmica, pelos silêncios na casa enquanto eu estudava, pelos almoços em família por ter deixado esses momentos mais leves.

Agradeço especialmente a professora Alline Guerra, você é uma pessoa maravilhosa, uma orientadora incrível, por ter me incentivado a fazer sempre o melhor, por me incentivar sabendo do meu potencial, pelas nossas conversas e as trocas de conhecimento, e por ser a professora que aceitou a ser minha orientadora em um momento que eu estava passando muita dificuldade e por não ter desistido.

Agradeço aos amigos que fiz na universidade que levarei para toda vida, por ter me incentivado nos estudos, por ter debatido os temas quando necessário, e por ter dado forças, especialmente aos meus amigos Ivaniele, Auriclenes e Jessika vocês são pessoas incríveis.

Agradeço a todos que fazem parte da Universidade Federal de Pernambuco – Campus do Agreste, a todos os professores pelo conhecimento, pelas experiências, as risadas, pelos momentos únicos que tivemos na sala de aula e pelo título de Bacharel em Administração.

Agradeço as pessoas que contribuíram de forma direta e indireta na minha formação, em especial ao pessoal do meu estágio pela paciência e pelas palavras de carinho e força, a Adriana Cláudia, Natália, Oziel, Samuel, Denis.

Não poderia deixar de agradecer a mim mesma, a pessoa que fez tudo acontecer, pela minha força e dedicação, por cada noite sem dormir, pelos sacrifícios dos finais de semana e pelos obstáculos enfrentados.

RESUMO

O estudo tem como propósito principal analisar a relação trabalho-vida privada dos trabalhadores informais de lavanderias e facções da cidade de Toritama-PE, a fim de buscar trazer informações sobre como os ambientes informais de trabalho nas lavanderias e facções alocadas no município de Toritama, impulsionaram um forte aumento no quantitativo de trabalhadores e empresas e, por consequências, tornaram o município um forte expoente na produção de Jeans a nível nacional, impactando no modo de vida desses indivíduos. Esta informalidade se apresenta como uma alternativa para os que não conseguiram ingressar ou permanecer nos empregos formais, colaborando para desconstrução das relações de trabalho que demonstram mudanças que vão além das características do território, mas no cotidiano das relações sociais dos trabalhadores e seu modo de vida. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, exploratória, que fez uso de entrevista com roteiro semiestruturado para a coleta de dados, aplicadas a 15 trabalhadores informais ligados diretamente à confecção do Jeans. Para alcançar o objetivo, foram identificados os traços do perfil desses trabalhadores, as condições do trabalho, a rotina de trabalho e a relação entre trabalho e vida privada. Os dados encaminharam para reflexões acerca da expansão dos ambientes laborais nas residências, impactando de forma direta no modo de vida dos trabalhadores, incluindo aqui o seu lazer.

Palavras-chaves: relação de trabalho; informalidade; Toritama; Polo de Confecções do Agreste pernambucano.

ABSTRACT

The study aims to primarily analyze the work-life relationship of informal workers in laundries and garment factories in the city of Toritama Pernambuco, with the purpose of providing insights into how the informal work environments in the laundries and factories located in the municipality of Toritama have driven a significant increase in the number of workers and businesses, subsequently making the municipality a prominent player in national denim production, as well as examining the way of life of these individuals. This informality presents itself as an alternative for those who have not been able to enter or remain in formal employment, contributing to the deconstruction of labor relations that demonstrate changes that go beyond the characteristics of the territory but impact the daily social interactions of workers and their way of life. This is a qualitative, exploratory research that employed semi-structured interviews for data collection, conducted with 15 informal workers directly associated with denim production. To achieve the objective, the profile traits of these workers, working conditions, work routine and the relationship between work and private life were identified. The data led to reflections on the expansion of work environments in homes, directly impacting the way of life of workers, including their leisure.

Keywords: labor relationship; informality; Toritama; Agreste Clothing Cluster

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Ambiente de funcionamento de facção em garagem 1	47
Figura 2 –	Ambiente com máquinas de costura em garagem	48
Figura 3 –	Ambiente de uma facção na residência 1	49
Figura 4 –	Ambiente de facção em residência com peças de Jeans	50
Figura 5 –	Entrevistado trabalhando no muro da sua residência	51
Figura 6 –	Ambiente de uma facção na residência 2	52
Figura 7 –	Ambiente de uma facção na residência 3	53
Figura 8 –	Ambiente de uma lavanderia	54
Figura 9 –	Ambiente de uma lavanderia: caldeiras	55
Figura 10 –	Facção alocada na cozinha da residência	64
Figura 11 –	Facção alocada na sala da residência	65
Figura 12 –	Ambiente de uma facção (aprontamento) na residência	66

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

APL	Arranjo Produtivo Local
CLT	Consolidação das Leis de Trabalho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OSC	Organização da Sociedade Civil
MPT	Ministrio Pblico do Trabalho
SEBRAE	Servio Brasileiro de Apoio s Micro e Pequena Empresas
EPI's	Equipamento de Proteção Individual
INSS	Instituto Nacional de Seguridade Social

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	Objetivos.....	15
1.1.1	Objetivos geral	15
1.1.2	Objetivos específicos.....	15
1.2	Justificativa	15
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
2.1	Das relações de trabalho no Brasil: uma informalidade que modifica a dinâmica do trabalhador.....	18
2.2	A Informalidade no Brasil e no Agreste Pernambucano.....	20
2.3	Da cadeia produtiva do Jeans no Polo do Agreste Pernambucano: a ligação do sucesso do “Jeans” com a informalidade.....	26
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	31
3.1	Tipificação da pesquisa.....	31
3.2	Lócus da pesquisa.....	32
3.3	Seleção dos sujeitos da pesquisa.....	32
3.4	Coleta de dados.....	34
3.5	Aspectos éticos e legais.....	35
3.6	Análise dos dados.....	36
3.7	Limitações da pesquisa.....	37
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	38
4.1	Perfil dos trabalhadores informais.....	38
4.2	Dinâmica do trabalhador informal das lavanderias e facções em Toritama.....	41
4.3	As condições de trabalho desses trabalhadores informais..	45
4.4	A realidade dos trabalhadores informais nos momentos de lazer familiar.....	58
4.5	Programações de lazer disponíveis e “acessíveis” a essas famílias.....	60

4.6	Reflexão da relação entre vida privada e o trabalho dos informais.....	63
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
	REFERÊNCIAS.....	72
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	76

1 INTRODUÇÃO

A informalidade no Agreste pernambucano se desenvolveu no interior do estado devido à sua posição periférica, destacando-se nas lacunas do capitalismo. Os indivíduos autônomos construíram uma espécie de arranjo produtivo local, conhecido como APL, através da produção do Jeans e das feiras da sulanca, fazendo surgir um forte centro econômico para a região e as cidades circunvizinhas, o qual foi denominado de Polo de Confecções do Agreste (Braga, 2019).

Entre as cidades que compõem o Polo, encontramos a cidade de Toritama, que possui mais de 41 mil habitantes e é responsável por 16% da produção do Jeans nacional. Toritama é conhecida como a “Capital do Jeans” no Brasil devido à sua economia fortemente ligada à produção de roupas Jeans. No entanto, por atrás desse sucesso econômico, se esconde uma realidade complexa que utiliza da informalidade como mão de obra no seu mercado de trabalho (SEBRAE, 2019; IBGE, 2022).

A falta de oportunidade por empregos formais, impulsionou essa mão de obra a ingressar no setor informal, devido à flexibilidade das unidades produtivas e a busca pela sobrevivência. Como consequência criou-se um ambiente propício do trabalho informal que não está sujeito as regulamentações e proteções formais (Alencar, 2007).

Surge, nesse contexto, o aumento das pequenas unidades produtivas informais, que mascara uma falsa ideia de empreendedorismo, transferindo para o trabalhador os riscos e a responsabilidade sobre seu potencial de ser produtivo e possuir condições satisfatórias de trabalho e renda. Com isso esquecendo o árduo processo histórico de seletividade do mercado de trabalho, o que reduz a responsabilidade dos entes estatais, e enfraquece as conquistas dos direitos sociais, redefinindo as relações sociais e o modo de vida desses trabalhadores (Negreiros, 2010).

A informalidade está enraizada na vida das pessoas, afetando não só a economia da cidade, mas também as relações sociais dos indivíduos, a cultura

e a dinâmica familiar. Os trabalhadores muitas vezes compartilham seus espaços de trabalho com as suas residências, criando uma fusão única entre a vida profissional e a vida pessoal, tendo como consequência uma dificuldade de separar a vida no trabalho e a vida privada.

Ademais, a relação entre vida no trabalho e vida privada é uma questão central na vida de todos os trabalhadores, mas ela assume contornos especiais quando se trata de trabalhadores informais de facções¹ de lavanderias². Nos quais muito desses trabalhadores enfrentam desafios únicos e complexo quando se trata da questão, de como esses trabalhadores lidam com a separação entre suas vidas privadas e suas vidas profissionais, e por consequência, como eles lidam com a falta de tempo para o lazer e o descanso.

Como consequência da informalidade, é afetada a capacidade destes trabalhadores de estabelecerem limites claros, entre as suas atividades no trabalho e sua vida privada. Além disso, trabalhadores informais de facções e lavanderias, trabalham em ambientes improvisados e inadequados. As suas residências passaram pela transformação dos lares em ambientes de produção, nas residências as máquinas de costura encontram-se entre os móveis da casa, as peças espalhadas pelos cômodos da casa, diminuindo o espaço de residência, em benefício do espaço produtivo. O barulho incessante das caldeiras nas lavanderias e das máquinas de costura nas facções, indo do amanhecer ao anoitecer envolto de ruídos advindos da produção do Jeans (Negreiros, 2010).

A falta de separação entre o trabalho e a vida privada dos trabalhadores, muitas vezes significam que eles têm dificuldade em desconectar-se do trabalho, mesmo com as longas jornadas e intensas de trabalho, levando os trabalhadores a exaustão e ao estresse. Além disso, as longas horas trabalhadas, tornam difícil para o trabalhador encontrar um tempo para o lazer e o descanso, que são essenciais para uma boa qualidade de vida e um equilíbrio entre trabalho e vida privada, acarretando a longo prazo em problemas na saúde.

¹ Ambiente de produção do Jeans onde é feita a costura da peça, junção das partes e execução da feitura da peça de Jeans.

² Ambiente onde é realizada a lavagem, alvejamento, tingimento e maciez da peça do Jeans.

Sabendo disso, surgiu uma inquietação acerca da prática produtiva demasiada, repetitiva e intensa, realizada pelos trabalhadores das facções e lavanderias na cidade de Toritama, e como essa atividade produtiva influenciava diretamente na rotina da vida privada deles, fazendo questionamo-nos sobre **como os trabalhadores informais de facções e lavanderias da cidade de Toritama lidam com a relação entre trabalho e vida privada?**

1.1 Objetivos

Apresentamos os seguintes objetivos do estudo: objetivo geral e objetivo específicos.

1.1.1 Objetivo geral

Analisar a relação trabalho-vida privada dos trabalhadores informais de lavanderias e facções da cidade de Toritama-PE.

1.1.2 Objetivos específicos

- Entender como acontece a rotina de trabalho dos trabalhadores informais de lavanderias e facções;
- Compreender as condições de trabalho destes trabalhadores;
- Compreender como são as relações familiares destes trabalhadores;
- Refletir acerca da relação entre a vida privada e o trabalho dos informais das lavanderias e facções.

1.2 Justificativa:

A presente pesquisa é importante para o campo da Administração, pois é uma oportunidade de evidenciar as disputas e tensões na relação capital-trabalho. A relação entre o trabalho e a vida privada dos trabalhadores gera um impacto na forma como a área da Administração tem fornecido ou não, mecanismos para prover soluções que gerem benefícios para estes trabalhadores.

Na pesquisa, essa relação entre a vida privada e o trabalho ganha contornos mais críticos, por não se tratar de qualquer relação de trabalho, mas sim, de trabalhadores informais. Nessa situação, a ligação entre as condições de trabalho e o acesso a uma vida privada fica fragilizada, devido à latente ausência de tempo disponível para o trabalhador conviver com suas famílias e amigos.

Ademais, faz-se relevante ainda provocar o debate sobre a maneira como ocorre a separação entre o trabalho e a vida privada, auxiliando no entendimento das principais dificuldades enfrentadas pelos envolvidos para terem um bom ambiente de trabalho e, conseqüentemente, obterem renda, sem ter que renunciar à qualidade de vida e ao lazer.

O estudo desse grupo busca trazer informações sobre como os ambientes informais de trabalho nas lavanderias e facções alocadas no município de Toritama impulsionaram um forte aumento no quantitativo de trabalhadores e empresas e, por conseqüências, tornaram o município um forte expoente na produção de Jeans a nível nacional.

Nesse sentido, a pesquisa é importante para a sociedade, pois, na cultura organizacional desses ambientes de trabalho informal, especialmente, nas lavanderias e nas facções, locais em que, geralmente, os trabalhadores não conseguem perceber que a sua vida laboral influencia na qualidade da sua vida privada. Ou seja, a dedicação ou disposição quase exclusiva dos seus dias para o trabalho acaba limitando o tempo disponível para que eles desenvolvam a sua vida privada e sua vida em sociedade. Dessa forma, busca-se expor os efeitos negativos da informalidade para as organizações de trabalho, para os trabalhadores e suas famílias, bem como para toda a sociedade envolvida.

Junto a isto, a rotina demasiada de trabalho nos ambientes informais, além de afetar as famílias e suas particularidades, acaba afetando significativamente as organizações locais, sejam elas de caráter econômico ou não, especialmente, aqueles destinados ao lazer familiar, como restaurantes, eventos esportivos e artísticos locais e outros. Isso ocorre, porque, quando o trabalhador tem menos tempo de lazer, sua família também deixa de ter esses momentos, gerando pessoas reclusas em seus lares.

A pesquisa oferece ainda contribuições para o entendimento das relações de trabalho na cidade, desenvolvendo, através das conversas realizadas nas entrevistas, a capacidade crítica dos trabalhadores informais de facções e

lavanderias poderem repensar suas potencialidades e suas relações trabalho/vida privada.

E essa abordagem é importante por ser uma temática pouco enfrentada em cidades que estão mais preocupadas com a movimentação de capital financeiro e com a manutenção de títulos, como o ostentado por Toritama que se orgulha de ser “A Capital do Jeans”, apesar de não promover ferramentas capazes de garantir, aos trabalhadores, um regular ambiente de labor e plenas condições para uma vida com acesso ao lazer.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Das relações de trabalho no Brasil: uma informalidade que modifica a dinâmica do trabalhador

Neste primeiro capítulo objetiva-se adentrar no debate teórico sobre e o processo de formação das relações de trabalho desenvolvidas no Brasil.

No período do Brasil colônia, as relações de trabalho não possuíam regulamentação e nem proteção estatal, na verdade, os trabalhadores não eram considerados pessoas, mas sim, objetos que possuíam donos, ou seja, o trabalhador que detinha a alcunha de escravo era tratado como um objeto, e não, como um sujeito de direito, por isso não detinham condições dignas para o trabalho, e nem recebiam salários pelo trabalho realizado. Essa fase, perdurou, legalmente, até a abolição da escravatura, no ano de 1989, com a promulgação da Lei Áurea (Bezerra Leite, 2017).

As relações de trabalho, a partir do surgimento do modelo capitalista, impuseram uma profunda modificação na realidade do Brasil Colônia que, inicialmente, compreendeu um período de mão de obra mediante pagamento, mas ainda sem amparo da legislação pátria, como resultado da abolição da escravatura, quando a mão de obra passou a receber salários.

Nessa época, as relações de emprego começaram a ser formadas em diversos setores, porém, com exceção do salário, as condições laborais não eram regulamentadas por nenhuma norma. Os trabalhadores continuavam reféns das vontades de seus empregadores que podiam descontar salários, demitir e impor jornadas extensas, sem sofrerem qualquer repressão legislativa (Cassar, 2010).

Com o término da fase anterior, as relações de trabalho entraram em um novo momento, no qual as relações trabalhistas estavam amparadas, especialmente, pelo surgimento da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) - normativo que passou a regular e fomentar direitos aos trabalhadores - o que, conforme Bezerra Leite (2007) dividiu o processo de evolução do trabalho, no Brasil, em três fases:

No Brasil, podemos dividir a história do direito do trabalho em três fases: a primeira, do descobrimento à abolição da escravatura; a segunda, da Proclamação da República à campanha política da

Aliança Liberal; e a terceira, da Revolução de Trinta aos nossos dias (Bezerra Leite, 2017, p 67)

A partir de Bezerra Leite (2017), podemos, então, afirmar que, nas duas primeiras fases, tanto no período colônia, como no anterior à CLT, as relações de trabalho não possuíam uma regulamentação, vindo estar apenas a partir da Revolução de Trinta.

Neste período, podemos destacar a crise cafeeira de 1929 provocada, especialmente, pela quebra da Bolsa de Nova Iorque que levou as pessoas do campo, que trabalhavam nas plantações de café em São Paulo e as que dependiam da pecuária em Minas Gerais, a migrarem para os grandes centros urbanos (Cassar, 2010).

Esse movimento impulsionou a necessidade do governo regulamentar as relações de trabalho e, como forma de resposta, em 1934, foram implementadas as primeiras legislações trabalhistas que proporcionaram diversas mudanças nas relações de trabalho, dentre elas: a liberdade sindical, o salário-mínimo, a isonomia salarial, a proteção do trabalho às mulheres e às crianças, as férias e o repouso semanal remunerado, direitos esses que as relações de trabalho informais não possuíam e ainda não possuem (Bezerra Leite, 2017; Delgado, 2018)

Nesse cenário, a CLT aprovada, durante o governo Vargas, bem como os benefícios dela advindos, transformaram-se em um dos marcos mais importantes para a modificação das relações de trabalho, principalmente, por se tratar de um momento em que o Brasil precisava, urgentemente, de uma solução econômica (Oliveira, 2022).

O cenário vigente após a implementação da CLT, demonstrou uma profunda mudança nas relações de trabalho que antes baseavam-se quase que exclusivamente na informalidade, encontrando base na industrialização formal que se confrontava com as oligarquias do “café com leite”. De um lado apresentavam-se as oligarquias pautadas em uma economia rural que se encontrava em declínio, e do outro a recente indústria urbana pautada na modernidade, que propagava as vantagens da formalidade, como assalariamento, férias e outras qualidades que não eram ofertadas no campo. Contudo, essa indústria inicial na realidade pautou-se em assalariamento parcial, jornadas excessivas, ritmo intenso e condições insalubres, situação semelhante

vivenciada hoje na indústria de confecção de Jeans do Polo do Agreste Pernambucano (Oliveira, 2022).

A partir da implementação da indústria pautada em linha de montagem, com controle do tempo de produção, separação entre executores e gerência, e a divisão das funções, aliados ao ritmo acelerado tornou a produção maior, porém, utilizando-se da “superexploração do trabalho”, que juntava o consumo quase que total da vida do trabalhador com jornadas longas e remuneração que permitia apenas a sobrevivência dele, não possibilitando o lazer, ou seja, mesmo com a instituição de acesso aos direitos que trazia os contratos formais, estes passavam por mitigações que tornavam semelhantes ao que viviam na informalidade (Antunes, 2006; Druck, 1999).

Dessa forma, é possível compreender que a informalidade está presente na sociedade brasileira antes mesmo das relações formais. O crescimento atual da informalidade nas atividades industriais das lavanderias têxteis e outros setores da economia, tem resgatado uma espécie de trabalho que nos primórdios da construção do Brasil era o modelo vigente, mas também se faz presente dentro das relações de trabalho formais (Druck, 2011).

2.2 A Informalidade no Brasil e no Agreste Pernambucano

A informalidade diferencia-se da formalidade, por meio dos conceitos normativos adotados pela legislação brasileira. Contudo, para esta, o empregado só está assegurado em uma relação formal. Sendo assim, na relação formal - seja empregado, conforme o artigo 3º da CLT, ou autônomo, doméstico, avulso, estagiário, cooperado ou eventual, conforme o Art. 2º - os trabalhadores estarão regulamentados e formalizados mediante contrato normativo, tendo situação bem definida em termos de suas obrigações e principalmente de seus direitos dentro daquela relação (Bezerra Leite, 2017).

Por sua vez, aquelas relações de trabalho pautadas na informalidade carecem dessa rigidez contratual, pois não deixam definidas quais são suas obrigações e seus direitos, levando o trabalhador precariedade de direitos básicos garantidos pela CLT, como acesso a um descanso semanal

remunerado, férias e outros direitos que são fundamentais para acessar o lazer (Druck, 2011; Bezerra Leite, 2017).

A própria informalidade passou por modificações em suas estruturas, apresentando em certos cenários uma maior flexibilização que as relações formais, vista por parcelas de trabalhadores e empreendedores como uma oportunidade, porém por trás dessa “oportunidade” temos: ausência de direitos básicos ao trabalhador, jornadas de trabalhos longas, sem descanso remunerados.

Muitas vezes os trabalhadores aderem ao trabalho informal pela dificuldade de conseguir um trabalho formal ou como forma de complementar renda insuficiente. O trabalho informal na maioria dos casos é um meio de sobrevivência do trabalhador, não se importando com salários baixos e sem direitos trabalhistas (Costa, 2005). Nesse modelo, os trabalhadores informais estão expostos a ambientes precários, salários baixos, desregulamentação, regressão dos direitos sociais, normas legais, ausência de uma proteção governamental (Antunes, 2006)

Conforme, Melo e Souto (2012, p. 2) “No sistema do Toyotismo, diferente do Fordismo, que tinha suas relações pautadas na rigidez de relações contratuais formais, apresenta uma relação em que cada colaborador é responsabilizado pelo seu (des)emprego”, ou seja, as relações informais deixaram de ser aquelas presentes apenas em ambientes domésticos e estenderam-se para as empresas, onde na busca por baratear os custos do processo de produção estas têm optado em adquirir mão de obra informal, para ofertar ao mercado um preço mais atrativo ao consumidor do que teria se implementasse uma mão de obra formal. Sobre isso, Silva (2018), comenta:

O trabalho informal é um fenômeno social que se encontra em praticamente todo o mundo capitalista. No entanto dimensões de maior proporção nos chamados países de capitalismo periféricos, como o Brasil. Cerca de 48% da população Economicamente Ativa (PEA) que se encontra trabalhando não possui um contrato formal de trabalho, a informalidade é um processo que está em crescimento não apenas como uma forma de subemprego disfarçada, mas como a tendência central do mundo de trabalho no Brasil (Silva, 2018, p. 3)

De acordo com Silva (2018), a informalidade é uma realidade do mundo capitalista, presente principalmente em países subdesenvolvidos. O Brasil por exemplo, tem uma parcela grande de trabalhadores informais, que vem

crescendo com o tempo e esses trabalhadores tiram sua sobrevivência e complementam sua renda.

A discussão sobre a informalidade em um primeiro cenário encontrava-se ligada ao problema do desenvolvimento do modelo capitalista em países periféricos, como o Brasil, que se encontrava em realidade distinta dos mais desenvolvidos, assim Pereira (2018, p. 13) explica que “a noção de informalidade, inicialmente, caracterizava as formas e relações de trabalho “atípicas” que destoavam do padrão europeu, cuja referência era o *pacto fordista*.” Essa visão inicial definida e estabelecida pelos países desenvolvidos, era utilizada como sinônimo do atraso nos demais países, fazendo um contraponto entre seus modelos formais considerados modernos e sofisticados e a informalidade dos periféricos.

Ainda nesse sentido Pereira (2018), pondera e tece críticas sobre essa dualidade implementada para diferenciar os setores informais dos formais, como moderno e atrasado respectivamente:

Esta chave dualista – a desconexão entre moderno e o atrasado; o formal e o informal -, sustentada pelos teóricos da modernização, é questionada e o setor informal passa a ser explicado pela segmentação do mercado de trabalho no capitalismo periférico e dependente que, ao modernizar não atinge todo o tecido produtivo (Perreira, 2018, p. 14)

Nesse sentido, temos o trabalho do antropólogo Keith Hart (1973), que no final da década de 60, analisou a relação de trabalho informal em países periféricos, chegando à conclusão de que diferentemente do que era propagada, a informalidade não era um fator que detinha exclusivamente um atraso frente a formalidade, pois observou dois fatores importantes.

O primeiro era de que trabalhadores informais transformavam situações em oportunidades de renda e por vezes desenvolvia uma racionalidade de gerar empregos, impulsionando economias locais; o segundo fator observado pelo antropólogo foi de que diversos trabalhadores formais se encontravam em situação de pobreza, e amarrado em contratos que não eram rentáveis e com baixas qualidades de trabalho (Hart, 1973).

Em uma análise mais profunda da realidade fática da informalidade no Brasil as formas de trabalho nessa seara não se restringem a empresas domésticas, mas sim, ampliaram-se para cooperativas de trabalho, empresa de

pequeno e médio porte, subcontratação, terceirização e até a prestação de serviços como autônomos, que embora sejam informais, vem atraindo incentivo dos entes estatais, bem como de organizações da sociedade civil (OSC) dos mais diversos segmentos (Véras de Oliveira, 2011).

A conceituação do “setor informal” foi feita pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) com o objetivo de nomear as relações de trabalho que se diferenciavam das modernas, ditas de atividades de estrita sobrevivência. Com a crença de que o incentivo a essas relações poderia prover uma amenização a pobreza e conseqüentemente a fome, servindo como a fonte de renda para os periféricos informais. Ou seja, o objetivo era promover essa distinção, contudo o setor informal passou por evoluções, como por exemplo, uma forma de precarização do trabalho e uma forma de suprir a necessidade do trabalho da população (Véras de Oliveira, 2011).

O crescimento do trabalho informal passa por uma mudança na postura do Estado perante esse setor. Antes fortemente repreendido e por vezes taxados como sinônimo de precariedade, passou a ganhar uma maior atenção dos governos, em especial aqueles locais, que observaram que ausência de oferta de empregos formais poderia ser bem suprida pela informalidade, a exemplo do Polo de confecção do Jeans que se instalou na região do Agreste pernambucano (Pereira, 2018).

Nos primeiros estudos empíricos realizados acerca do impacto da informalidade no setor urbano das regiões Nordeste e Sudeste foi encontrada uma série de lacunas, conforme pondera Pereira (2018, p. 15), “rendas instáveis dos trabalhadores; rendas flutuantes; condições de trabalho casual, incerto, muitas vezes, temporário e sazonal; presença de trabalhadores não qualificados, baixa produtividade de mão de obra; ocupação majoritária da população pobre urbana”, ou seja, foi observado que a informalidade pode apresentar inúmeros pontos negativos em comparação a relações formais, contudo, esses estudos empíricos não traduzem por si só, a influência que o setor da informalidade pode exercer em uma economia (Antunes, 2016).

As abordagens empíricas mais recentes analisaram por uma ótica diferente daquela utilizadas nas pioneiras, observou-se que embora a informalidade possui brechas que gerem deficiências protetivas para o trabalhador, a mesma atende uma demanda reprimida pelo setor formal, ou seja,

o setor formal fica com a mão de obra qualificada e desempenha algumas funções, e por vezes abdica de outras atividades, deixando assim lacunas em serviços essenciais, e por consequência uma parcela significativa da população no desemprego, que observa no setor informal a forma de sobreviver e trazer sustento para suas famílias (Antunes, 2006). Sobre isso, Theodoro (2004) coloca que:

Informalidade e formalidade coabitam, criando e recriando formas diversificadas de organização produtiva e de relações de trabalho – é tarefa que ultrapassa os limites do espectro usual das chamadas ciências econômicas, em prol de um enfoque mais abrangente e – por que não? – multidisciplinar (Theodoro, 2004, p. 115).

Segundo Theodoro (2004), as atividades do setor informal tiveram crescimento e apresentaram desenvolvimento em paralelo com as atividades formais, coexistindo para atender as demandas da sociedade, afastando a visão dos teóricos dualistas, que outrora pregavam um antagonismo de ambas e que apenas a atividade formal e estrutura mediante contratos legais deveriam perdurar, devendo a outra ser extinta. Portanto, o cenário possibilitou compreender que o formal-informal são formas de trabalho. Sobre isso, Pereira (2018), colocou que:

[...] o trabalho informal não surge propriamente inserido no núcleo da economia hegemônica, capitalista, e sim nas lacunas não ocupadas por esta, estando contingente de trabalhadores do setor informal situados entre uma massa amorfa de excluídos e a composição do exército industrial de reserva (Pereira, 2018, p. 76)

Conforme Pereira (2018), a informalidade surge para suprir as necessidades não ocupadas pela formalidade do trabalho capitalista, gerando uma demanda de trabalho informal para os trabalhadores que não estavam incluídos na população economicamente ativa.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022) no Estado de Pernambuco no ano de 2022, a informalidade representava uma taxa de 48,63% do mercado de trabalho, estando acima da média nacional que corresponde a 39,5%, fazendo com que o Estado esteja entre os maiores centros de informalidade do Nordeste brasileiro (FERREIRA, 2022).

Quando o mesmo recorte é feito em relação ao agreste pernambucano, em especial a cidade de Toritama, esses números chegam a 94,86% de

trabalhadores informais e apenas 5,14% de formais, conforme os dados do IBGE (2010), demonstrando dessa forma que a informalidade se encontra enraizada na economia local, não sendo uma exclusividade apenas do setor têxtil de confecção do Jeans.

De acordo com Braga (2019), a informalidade no Agreste pernambucano tem suas particularidades decorrentes da posição periférica das cidades do interior do estado, e uma certa autonomia dos indivíduos no qual constituíram um arranjo produtivo local e comercial para suas atividades. Da produção do Jeans, das feiras da sulanca, e das lacunas do capitalismo surgem um forte centro, o Polo de Confecções do Agreste pernambucano. O Polo surge inicialmente por iniciativa dos próprios indivíduos que faziam de suas casas o local produtivo, em decorrência do que coloca Braga (2019, p.89): “[...] A sua origem foi fruto da iniciativa dos próprios indivíduos em meio às secas sequenciais vivenciadas historicamente pelo Agreste de Pernambuco.”. Ou seja, a situação que os indivíduos estavam vivenciando na região, contribuiu para que o setor de confecções ganhasse força.

O Polo de Confecções do Agreste pernambucano é importante para a economia do estado de Pernambuco e é composto por 40 municípios localizados na mesorregião do Estado, sendo os mais destacados: Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe (Araújo, 2007). Entretanto, a informalidade encontra-se nos mais diversos setores econômicos dos municípios do agreste pernambucano, a exemplo de Santa Maria do Cambucá, Vertentes, Frei Miguelinho, Surubim e Taquaritinga do Norte. O comércio local dessa região, por exemplo, se encontra permeado com diversos trabalhadores na informalidade, seja nas lojas trabalhando sem carteira assinada, seja nos restaurantes ou seja na produção do Jeans.

Independentemente do ambiente, essas cidades respiram o trabalho e as casas são praticamente pequenos locais de trabalho, que vão desde fabricos e fábricas domésticas de fazer roupa, popularmente conhecidas como facções, até outros comércios, como restaurantes dentro da residência familiar, salões de beleza, revendedoras de produtos de cosméticos, mercadinhos, todos esses apresentam em comum a característica entre a residência e ambientes de trabalho (Ferreira, 2022).

2.3. Da cadeia produtiva do Jeans no Polo do Agreste Pernambucano: a ligação do sucesso do “Jeans” com a informalidade

O surgimento do Polo de Confecções do Agreste pernambucano teve sua origem através de homens e mulheres que lutavam pela sua sobrevivência. Sobre isso Lira (2011) fala:

[...] como alternativa de sobrevivência da população Agrestina, por causa, principalmente, da crise agrícola da cotonicultura e das dificuldades de produzir outros produtos, já que a região possui faixas muito secas, sendo inapropriadas para o plantio, pois fazem parte do semi-árido nordestino.” (Lira, 2011, p. 98)

De acordo com o Lira (2011), comerciantes se deslocavam para a capital em Recife levando seus produtos locais como queijo, carvão, galinhas para serem vendidos e passaram a trazer retalhos de pano chamados de 'sulanca', termo que teve origem das palavras “sul” e “helanca” pois os tecidos vinham do sul do país. A pioneira foi a cidade de Santa Cruz do Capibaribe, entre a década de 40 e 50, justamente com a produção da sulanca, buscando soluções contra a crise econômica que passava.

Em Santa Cruz do Capibaribe utilizavam os retalhos de tecidos para fazer confecções de roupas, tapetes, lençóis etc., para serem vendidos nas feiras locais, a preço baixos sendo atrativos para os compradores pelo custo. Com alta procura pelas peças, as fábricas passaram a cobrar pelos retalhos, pois houve um aumento da demanda de produtores, levando ao novo patamar impulsionando o mercado local dada origem a Feira da Sulanca (Véras de Oliveira, 2011; Lira, 2011).

Já a cidade de Toritama, outro importante centro do polo de confecções, tinha como atividade econômica principal a produção de calçados em couro até a década de 70, quando foi declinando, por conta da concorrência de grandes indústrias, com a produção de tênis e calçados de plástico, contribuindo para que os trabalhadores buscassem outra atividade econômica alternativa (Negreiros, 2010).

Toritama, no final da década de 70 e início da década de 80, se inspirou em Santa Cruz do Capibaribe para entrar no mundo da Sulanca, focando sua produção no Jeans e utilizando parte do maquinário e equipamentos da

produção dos calçados tendo apenas que fazer algumas alterações para trabalhar no Jeans (Véras de Oliveira, 2011; Lira, 2011).

O município de Caruaru, por sua vez, entra para o ramo da confecção da Sulanca na década de 80, porém ela se diferencia das demais, por possuir outras formas produtivas como artesanato, turismo, produção de calçados. A Sulanca passou a ganhar destaque na sua produção, sendo assim uma das três cidades mais importantes do Polo de Confecções do Agreste Pernambucano (Lira, 2011).

No início dos anos 2000, na cidade de Toritama, que antes vivenciava a produção de sandálias de couro, começou a surgir um novo mercado que utilizava do trabalho informal, da mão de obra acessível, de horários flexíveis, de longas jornadas de trabalho para fazer de sua produção do Jeans ser conhecida como o ouro azul. A cidade passou a respirar o Jeans e as casas passaram a ser ambientes de trabalho (Véras de Oliveira, 2014).

Essa expansão de unidades produtivas domiciliares, fomentou o surgimento e proliferação das facções pelas ruas do município de Toritama, envolvendo parcela significativa da população nessa etapa do Jeans. Criando uma separação entre duas etapas e segmentos diferentes na produção do Jeans. Estando de um lado as facções instaladas nos ambientes domésticos, e do outro as lavanderias compostas de ambientes próprios e de grande estrutura fabril (Souza, 2022). Sobre isso Burnet (2013), colocou que:

Essas unidades produtivas domiciliares foram se expandindo e migrando para áreas urbanas, atualizando as tecnologias para trabalharem, já que os tecidos vindos do Sul precisavam de maior qualidade na confecção, tornando esses processos semi-industriais (Burnet, 2013).

De acordo com a citação de Burnet (2013), percebemos que os trabalhadores passaram a usar suas casas para a produção do Jeans, para diminuir os custos da produção e aumentar a qualidade dos produtos.

O município de Toritama se desenvolveu na produção do Jeans, e no início dos anos 2000 já produzia 15% do Jeans nacional, se tornando o maior polo de produção do Jeans do Norte e Nordeste. O seu sucesso também teve influência nas instalações das lavanderias, pois são responsáveis pelas lavagens em escala industrial, pelo alvejamento, tingimentos, torção em fios e a

descoloração do Jeans, fazendo-a o motor da escala produtiva deste produto (Véras de Oliveira, 2011; Pereira, 2018)

No município de Toritama tanto as facções quanto as lavadeiras encontram-se presentes em todos os bairros do município, seja no centro, Planalto, Cohab, Coqueiral, Fazenda velha, Arial, Deus é fiel, Valentim, Antão e até nos sítios Oncinha e São João, facilmente é possível ver famílias inteiras vivendo deste comércio do Jeans (Araújo, 2011).

Nas facções é o local onde o Jeans é produzido, desde o corte do tecido até as costuras dos pedaços, chegando à formação da peça de Jeans, seja, calça, short, jaqueta, macacão, blusas ou bolsas. Nessa primeira etapa do Jeans o trabalho é feito predominantemente em ambientes domésticos envolvendo todos os familiares que ali residem (Araújo, 2011).

Por sua vez, no ambiente das lavadeiras é o local onde as peças são feitas, tingidas, lavadas, amaciadas, descoloridas, a fim de deixar as peças quase prontas para uso. Nessa etapa os processos de produção envolvem caldeias e tanques industriais, ou seja, ocorre a presença de maquinário industrial, o que não seria possível nos ambientes domésticos. Nessa relação trabalhistas encontra-se a figura de empregados e empregadores, diferentemente das facções onde muitas são regidas pelos próprios membros familiares (Pereira, 2018).

Embora apresente composições diferentes e dimensões diversas, tanto nos ambientes das facções quanto nos ambientes das lavanderias a mão de obra utilizada é a informal, com exceção de poucas lavanderias que após três operações de fiscalização do Ministério Público do Trabalho (MPT) de Caruaru, passaram a assinar as Carteiras de Trabalho e Previdência Social e providenciar melhorias nas condições de trabalho (MPT, 2023).

O cerne da informalidade neste contexto adquire contornos mais fortes do que apenas um fator no sistema de produção do Jeans, mas sim o eixo central para a disparidade dessa região na produção e venda do Jeans em detrimento de outras regiões que até detém mais recursos naturais, mas não tem o preço atrativo que ali é ofertado (Araújo, 2011).

Com a finalidade de impulsionar o Polo de Confecções do Agreste Pernambucano, no ano de 2001 o município de Toritama criou o Parque das Feiras (um conjunto de lojas e boxes, com variedade de produtos, tanto para

moda feminina, masculina, infantil, etc.), em situação semelhante, o município de Caruaru criou em 2004 o Polo Comercial de Caruaru e, por sua vez, o município de Santa Cruz do Capibaribe criou em 2006 o Moda Center Santa Cruz. Estes centros comerciais contam com grandes estruturas e amplos estacionamentos, a exemplo do Parque das Feiras em Toritama, que é construído em uma área de 20.000 m², e possui estacionamentos nas duas margens da BR104, mesmo assim não consegue atender a demanda dos visitantes que vão comprar e dos feirantes que irão vender os produtos, tornando o sistema viário no entorno dele um completo caos (Negreiros, 2010).

Como o Parque das Feiras não comporta todos os feirantes, ao seu redor, nas ruas vizinhas, ficam os bancos da sulanca. Essa aglomeração é conhecida por “Feira da Sulanca” (são feiras locais de aglomeração da venda de produtos de confecções que ficaram conhecidas pelos preços baixos e acessíveis para a população). Esses comerciantes são chamados de “sulanqueiros” e em sua grande parte também participam do processo de produção do Jeans, chegando em um novo nível que é a venda de seus produtos. Além de participarem do desgaste da produção, se submetem a entrega das peças e do fluxo exigido pela feira, chegada de madrugada para organizar o banco e a rotina do dia, tendo pouco tempo para se alimentar e descansar (Negreiros, 2010).

Todavia, embora os altos investimentos nas estruturas físicas para atrair clientes para o Polo de Confecções do Agreste, o mesmo zelo não foi tomado em relação aos trabalhadores que são responsáveis por trabalhar na produção do Jeans, onde o mercado informal surgiu como a mão de obra do Jeans. Sobre isto, Vêras de Oliveira (2011), nos relata que:

Não há dados precisos sobre o Polo. O caráter predominantemente informal dos empreendimentos e das relações de trabalho dificulta muito a produção de informações por órgãos oficiais. Estimativas de Raposo e Gomes (2003) indicavam, no começo dos anos 2000, a existência de algo em torno de 12 mil unidades produtivas, dentre as quais apenas 8% eram formalizadas. Ao todo empregavam, direta e indiretamente, por volta de 76 mil pessoas e produziam 57 milhões de peças por mês (principalmente, moda infanto-juvenil, moda feminina, Jeans, moda masculina, moda íntima, moda praia, moda esportiva, cama e mesa, demanda profissional, entre outros). O faturamento, em conjunto, totalizava os R\$ 144 milhões. Estudo da FUNDAJ (2008) complementa: “Em 2003, a RAIS registrou a existência de 5.450 pessoas registradas com carteira de trabalho nos três municípios, o que representa apenas 7% do contingente de ocupados, estimado pela pesquisa da FADE/UFPE” (Vêras de Oliveira, 2011, p.8)

De acordo com a citação de Vêras de Oliveira (2011), percebemos a dificuldade de obter informações acerca das condições de trabalho no Polo de Confecções do Agreste, em especial no município de Toritama, que encontra-se diretamente ligada a informalidade local e suas características, com presença de estruturas precárias e a transformação de ambientes familiares em fábricas de produção dificulta o acesso dos órgãos governamentais a esses trabalhadores, onde muitas vezes nesses ambientes não trabalha apenas um membro da família, mas sim toda ela, inclusive com a presença de adolescentes e crianças.

Desse modo, percebemos que a informalidade traz consigo uma série de desafios ligados às condições de trabalho e a vida das pessoas envolvidas, as estruturas de produção muitas vezes são precárias e as atividades são realizadas em ambientes familiares transformados em locais de produção onde limita o convívio da família em virtude do espaço do trabalho. Isso cria desafios para os órgãos supervisionados fiscalizar e regulamentar essas atividades informais a fim de garantir condições de trabalho seguras e respeito aos direitos dos trabalhadores. (Braga, 2014)

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste terceiro capítulo, que está organizado em seções, apresentaremos quais foram os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa. São as seções: Tipificação da pesquisa, locus da pesquisa, seleção dos sujeitos da pesquisa, procedimentos de coleta de dados, aspectos éticos e legais, análise dos dados e limitações da pesquisa.

3.1 Tipificação da pesquisa

A abordagem da pesquisa realizada neste trabalho é classificada como uma pesquisa qualitativa. Segundo Creswell (2007), a pesquisa qualitativa tem suas características e particularidades, as quais ocorrem em um cenário natural para a pessoa que participa da pesquisa, utilizam métodos humanísticos e interativos, apresenta-se de forma emergente e diversos aspectos podem surgir durante a realização da pesquisa. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa busca trazer uma explicação das relações sociais, aspectos subjetivos que não possam ser quantificados.

De acordo com Vergara (2016), a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada com base em dois tipos, quanto aos fins e quanto aos seus meios. Quanto aos fins essa pesquisa é exploratória, pois busca adentrar e compreender profundamente um tema, permitindo a descoberta de novos insights, padrões e relações; quanto aos meios de investigação essa pesquisa é definida como uma pesquisa de campo, pois é realizada no lugar em que se deve estudar, observar em uma investigação empírica, através de entrevistas.

Segundo Cervo et al (2007) a pesquisa exploratória busca trazer uma maior clareza para o problema, apresentando uma descoberta de ideias e pensamentos, sendo o processo dessa pesquisa mais flexível. Já a pesquisa de campo, segundo Gil (2008), tem o seu foco em comunidades, que estudam a atividade humana, seja sua cultura, percepções ou rotinas, pode ser feita através de entrevistas que tem como objetivo entender o grupo estudado.

3.2 Lócus da pesquisa

A pesquisa foi realizada no município de Toritama que está situada a aproximadamente 169 km da capital do estado, Recife. Possui mais de 41 mil habitantes, é responsável por 16% da produção do Jeans nacional, o que equivale a mais de 60 milhões de peças ao ano. Toritama é conhecida como a "Capital do Jeans" no Brasil devido à sua economia fortemente ligada à produção de roupas Jeans. A cidade possui um grande número de pequenas fábricas de confecção que fazem Jeans e outras roupas, tem um impacto significativo na economia, cultura e identidade da cidade. O comércio de roupas é uma parte vital da economia local, e a cidade é especialmente famosa por suas feiras de roupas, que atraem compradores de várias partes do país (SEBRAE, 2019; IBGE, 2022).

As entrevistas foram realizadas nas facções e nas lavanderias voltadas para trabalhadores informais. Os ambientes que ocorreram as entrevistas foram em sua maioria em locais diferentes: algumas pessoas entrevistadas trabalham em casa, onde criaram um espaço reservado para suas atividades de confecção e outras utilizam espaços improvisados que são compartilhados com os móveis e outros elementos da casa, alguns trabalham em "fabricos" de vizinhos que ficam na garagem e outros em lavanderias que trabalham com grandes maquinários. As entrevistas ocorreram em 7 bairros diferentes do município de Toritama sendo eles: Antão, Arial, Centro, Coqueiral, Deus é fiel, Independente e Valentim.

3.3 Seleção dos sujeitos da pesquisa

Os sujeitos foram trabalhadores informais de facções e lavanderias que trabalham no município de Toritama, que realiza trabalhos na área de confecção e atuam no processo de produção do Jeans, foram entrevistados 15 trabalhadores.

Segundo Vergara (2016) amostra pode ser de dois tipos: as probabilísticas (que são aquelas usadas em pesquisa quantitativa) e as não probabilísticas (que são aquelas usadas em pesquisas qualitativas), dentro da

amostra não probabilísticas existem três tipos: por acessibilidade, por tipicidade e por objetivo. Esse estudo foi caracterizado como sendo por objetivo, que é quando os sujeitos da pesquisa saem indicando outras pessoas e acabam por tornar uma “bola de neve”, tal como, de fato, aconteceu: o primeiro entrevistado foi um vizinho que morava na rua da minha mãe, os entrevistados começaram a indicar outras pessoas que aceitariam participar da pesquisa.

Para preservar a identidade dos sujeitos, foram utilizados pseudônimos, sendo eles: Entrevistado³ 1, entrevistado 2, entrevistado 3, e assim por diante, até chegarmos ao último, o entrevistado 15. As informações referentes a esses sujeitos, podem ser vistas no Quadro 1.

Quadro 1 – Perfil dos entrevistados

Entrevistados	Idade	Sexo	Escolaridade	Quantidade de filhos	Função desempenhada	Bairro que mora
Entrevistado 1	56	F	Ensino médio incompleto	3	Faz conserto de roupas.	Centro
Entrevistado 2	29	F	Ensino fundamental incompleto	1	Faz a frente da peça e as berguilhas.	Arial
Entrevistado 3	38	F	Ensino fundamental completo	-	Faz a frente da peça e os abanhados.	Lajes, Caruaru
Entrevistado 4	27	F	Ensino médio incompleto	2	Faz as traseiras das peças.	Independente
Entrevistado 5	46	M	Ensino médio incompleto	-	Trava as peças (juntar a frente com a traseira da peça).	Arial
Entrevistado 6	28	M	Ensino médio incompleto	2	Bate os botões, coloca os ribites e emboça as peças.	Independente
Entrevistado 7	40	M	Ensino fundamental completo	3	Tirar as peças das caldeiras e colocá-las para secarem.	Sítio, Santa Maria do Cambucá
Entrevistado 8	20	F	Ensino médio incompleto	-	Faz os coes das peças, abainhados.	Arial
Entrevistado 9	22	M	Ensino médio completo	1	Coloca as peças nas caldeiras e adiciona os produtos	Coqueiral

³ Utilizou-se o termo neutro ENTREVISTADO para todos que participaram da pesquisa, independentemente de seu gênero.

					químicos para mudar as cores.	
Entrevistado 10	34	F	Ensino médio incompleto	2	Faz a frente da peça e os abanhados.	Deus é fiel
Entrevistado 11	24	M	Ensino fundamental completo	1	Tira as peças das caldeiras colocá-las para secarem.	Deus é fiel
Entrevistado 12	25	F	Ensino médio incompleto	2	Faz um pouco de tudo nas peças, entrega ela completa (toda costurada).	Valentim
Entrevistado 13	27	F	Ensino médio incompleto	2	Faz a frente da peça e as berguilhas.	Valentim
Entrevistado 14	30	F	Ensino médio completo	3	Faz a triagem das peças, separando de acordo o pedido do cliente para a mudança da cor e amaciagem das peças na lavanderia.	Antão
Entrevistado 15	32	F	Ensino médio incompleto	2	Faz as traseiras das peças e os abanhados.	Antão

Fonte: Autoria própria (2023)

3.4 Coleta de dados

Os tipos de dados para pesquisa são primários, os quais segundo Cervo et al (2007), são dados coletados pelo pesquisador em primeira mão, são informações coletadas através de entrevistas, depoimentos, testemunho oral etc.

O instrumento que foi utilizado para a coleta de dados foi um roteiro de entrevista semiestruturado, o qual, segundo Gerhardt e Silveira (2009), deve possuir um roteiro pré-estabelecido com algumas perguntas, mas o pesquisador dá liberdade o espaço para que o entrevistado responda as perguntas de forma livre e na sua ordem, surgindo novas perguntas e novas respostas. Esse roteiro pode ser visto no Apêndice A.

As entrevistas ocorreram presencialmente e tiveram uma média de 30 perguntas, todas abertas e com uma duração média de 16 minutos. Antes do roteiro oficial, 3 entrevistas foram realizadas a fim de validar a utilização do

roteiro criado. No momento da entrevista, houve utilização do celular para gravar as perguntas e as respostas por meio de um aplicativo de gravação. O processo se deu da seguinte forma: iniciava as entrevistas me apresentando e explicando que aquele material seria para o trabalho de conclusão de curso, da Universidade Federal de Pernambuco, que não tinha ligação com fiscalização e pedindo permissão para gravar a entrevista.

O primeiro contato com os entrevistados foi feito com pessoas conhecidas pela pesquisadora, no qual o Entrevistado 1 foi indicando pessoas que moravam na sua rua que trabalhavam em facções. Geralmente as entrevistas ocorriam quando a pesquisadora saía do estágio e se deslocava até as facções, lavanderias e realizava as entrevistas, ou seja, em seu tempo de descanso.

As entrevistas ocorreram entre o período de 26 de julho de 2023 a 14 de agosto de 2023, onde foi possível conseguir 15 entrevistados, no qual todas as entrevistas ocorreram enquanto os entrevistados estavam trabalhando, a pedido deles, pois não poderiam parar para responder as perguntas e atrapalhar a produção. Isso já nos mostra um pouco da característica do trabalho nessas confecções e facções: não se pode perder tempo.

Durante as entrevistas foi percebido que nenhum deles tinham participado de alguma entrevista com finalidades acadêmicas até então, que essa foi a primeira deles, o que deixou eles com dúvidas de como seria e uma timidez de início. O que ajudou bastante com esse momento, foi o fato que pessoas conhecidas deles tinham os indicado a participarem, assim, sentiam-se mais confiantes na pesquisa.

3.5 Aspectos éticos e legais

A pesquisa foi feita respeitando os direitos e a privacidade dos participantes, bem como cumprindo todas as regulamentações legais. A respeito do consentimento foi perguntado antes de começar a entrevista se a pessoa autorizava a gravação, que ela tinha total direito de continuar ou não fazendo a entrevista, e poderia parar a qualquer momento. O pesquisador garantia a confiabilidade dos dados e a proteção da identidade dos participantes, através disso que foi usado pseudônimos (“Entrevistado”) para identificar cada um dos

participantes e que hipótese nenhuma iria usar o nome de verdade ou alguma coisa que ligasse a pessoa. Foi explicado que só o pesquisador teria acesso aos áudios, que não iria ser repassado nenhum, que estariam armazenados e protegidos na nuvem do pesquisador.

3.6 Análise dos dados

Os dados que foram coletados foram analisados através da análise de conteúdo de Bardin (2012), a qual oferece uma estrutura robusta para examinar profundamente o conteúdo textual, identificando padrões, tendências e significados subjacentes. Esta abordagem é particularmente útil quando buscamos compreender os temas e as ideias que emergem dos discursos dos participantes, como é o caso deste estudo.

Ao aplicar essa análise de conteúdo de Bardin, visamos capturar e interpretar a complexidade dos dados coletados, permitindo uma análise aprofundada e enriquecedora da relação de trabalho dos trabalhadores informais de facções e lavanderias de Toritama.

A análise de conteúdo de Bardin (2012) é estruturada em várias fases interconectadas. As principais etapas que seguimos foram:

- Pré-análise: Inicialmente, focamos no material coletado para obter uma compreensão geral do conteúdo. Isso nos permitiu identificar os conceitos iniciais que os trabalhadores informais tinham, questões-chaves da informalidade, Toritama, vida privada, vida no trabalho, lazer etc.

- Definição de Categorias: Com base na pré-análise, categorizamos em temáticas que capturam o conteúdo e os elementos centrais presentes nos dados, as quais foram: dinâmica do trabalhador informal das lavanderias e facções em Toritama, as condições de trabalho desses trabalhadores, realidade dos trabalhadores nos momentos de lazer familiar, programações de lazer disponíveis e “acessíveis” a essas famílias e reflexão da relação entre vida privada e o trabalho dos informais.

- Codificação e Categorização: O processo de codificação envolveu a atribuição de trechos específicos dos dados coletados a categorias pré-determinadas.

- Interpretação e Análise: Nessa etapa de interpretação, exploramos as conexões entre as categorias, identificamos padrões e buscamos compreender o significado subjacente dos dados. Essa análise qualitativa nos permitiu extrair reflexões profundas a respeito da realidade desses trabalhadores informais das lavanderias e facções em Toritama.

3.7 Limitações da pesquisa

A pesquisa teve suas limitações principalmente no quesito de conseguir pessoas que trabalhavam nas lavanderias, mesmo os entrevistados indicando trabalhadores que aceitariam participar das entrevistas. Vale salientar que no começo tiveram bastante resistência, pois, eles achavam que se tratava de alguma fiscalização porque trabalhavam em ambientes bem precários. Outra dificuldade foi o barulho constante das máquinas que dificultou o entendimento de algumas respostas na parte das transcrições dos áudios. Aqui vale um questionamento: se o barulho incomoda e dificulta a pesquisa, imagine-se convivendo com estes diariamente? Como é possível trabalhar, estudar e/ou realizar atividades diferentes?

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesse quarto capítulo, abordaremos profundamente a análise das entrevistas realizadas com os trabalhadores informais de facções e lavanderias da cidade de Toritama. Analisamos através da análise de conteúdo de Bardin (2012) os seguintes tópicos: o perfil dos entrevistados, para poder compreender a dinâmica do trabalhador informal das lavanderias e facções em Toritama; as condições de trabalho desses trabalhadores; a realidade dos trabalhadores nos momentos de lazer familiar, conhecendo quais programações de lazer são disponíveis e “acessíveis” a essas famílias; e pôr fim a relação entre vida privada e o trabalho dos informais.

4.1 Perfil dos trabalhadores informais

Para podermos compreender as demais categorias, precisamos compreender o perfil dos trabalhadores entrevistados, para que as informações coletadas se complementem e sejam relacionadas com cada entrevistado.

O primeiro ponto a se perceber é a presença feminina nas lavanderias e facções, pois dos 15 entrevistados 10 são do sexo feminino, enquanto 5 são do sexo masculino. A faixa etária dos trabalhadores está entre 20 a 56 anos, isso nos mostra uma diversidade de idades entre os entrevistados. Junto a isto, temos que os entrevistados começaram a trabalhar muito cedo, sendo a idade média entre 7 a 14 anos. Isso nos mostra que a maioria dos trabalhadores informais de lavanderias e facções iniciou sua trajetória profissional muito cedo na vida, o que nos leva a refletir sobre a tendência de ingresso precoce no mercado de trabalho que as regiões com altos índices de informalidade apresentam.

A justificativa para a maioria dos entrevistados começar a trabalhar em idades bastante jovem se dá para suprir uma necessidade econômica de contribuir para a renda familiar, exemplo disso foi relatado pelos entrevistados 1, 5, 10 e 14:

Desde bem novinho trabalhei na roça com meu pai, éramos em 5 crianças e 3 adultos, tinha muita gente para alimentar, todos precisavam trabalhar para podermos comer já passamos fome, muitas vezes comíamos farinha com água, mãe fazia como se fosse uma papa (um mingau). (Entrevistado 1)

Comecei a trabalhar com 7 anos na agricultura com meus pais, meu pai dizia que tinha muitos filhos para poderem ajudar na lida (na roça), quando era tempo de estiagem eu e minhas irmãs trabalhávamos na cozinha dos ricos para podermos ajudar em casa. Quando o d'ns (Jeans) chegou em Toritama foi uma alegria só correr para aprender logo, pois era o nosso ouro azul, foi uma forma de tirar muita gente da fome. (Entrevistado 5)

Comecei com uns 10 anos limpando peça em casa para ajudar, todos tinham que trabalhar, quando chegava da escola tínhamos que limpar peças só podíamos brincar depois de terminar, quando fui crescendo vi que aquilo não dava muito dinheiro e corri para aprender a costurar, porque quanto mais costura mais ganha. (Entrevistado 10)

Misericórdia faz muito tempo que trabalho, nem sei dizer com quantos anos, comecei, mais lembro que foi bem pequena, limpando peça e ajudando minha tia cortando e separando as peças que ela costurava, para quando chegar o final de semana ela me pagar e ir correndo dar para minha mãe para ela comprar comida. (Entrevistado 14)

Segundo Oliveira (2014) a falta de opções pode levar a um ciclo de persistência no trabalho informal. Trabalhadores informais tem como realidade jornadas excessivas, ritmo intenso, com condições insalubres que começam jovens nesse setor podem ter dificuldades para sair dele devido à falta de oportunidades e capacitação.

Além disso, o fato de muitos entrevistados terem começado a trabalhar em outras atividades antes de entrar em facção e lavanderias pode ter influenciado suas habilidades e perspectivas no setor de confecção, com por exemplo os entrevistados 2, 4 e 6. O entrevistado 2 começou na agricultura, o entrevistado 4 em uma lanchonete, o entrevistado 6 como vendedor de roupa na feira da sulanca. Essa transição foi uma adaptação do mercado de trabalho em resposta a oportunidades e demandas do setor da confecção. Essas idades tão baixas, podem ter implicado na educação e nas escolhas de alguns dos entrevistados não terem terminado o ensino fundamental e o ensino médio.

Um fato curioso é que dos 15 entrevistados, 2 são de outras cidades⁴, são os entrevistados 3 e o 7, que residem em Lajes (Caruaru) e Santa Maria do Cambucá. Perguntei o que levavam eles a saírem de outras cidades para trabalharem em Toritama, ambos relataram a oportunidade de emprego e

⁴ Embora residam em outras cidades, os dois entrevistados trabalham no município de Toritama, já os demais residem e trabalham em Toritama

remuneração, pois pagam bem apesar de trabalhar em uma jornada de trabalho grande, exemplo disso foi relatado pelos entrevistados 3 e 7:

O que mim faz deslocar de Lajes para Toritama é a oportunidade de serviço, aqui é o lugar de trabalhar e ganhar dinheiro, onde moro não tem essa oportunidade de ganhar dinheiro, lá você tem que dar aula na escola ou trabalhar no posto de gasolina para ganhar bem, os fabricos de lá pagam muito barato, exemplo disso é em Lajes para colar uma vista paga 0,12 centavos enquanto Toritama ganhamos 0,25. (Entrevistado 3)

O que mim faz sair de Santa Maria do Cambucá é a oportunidade de trabalhar, Toritama tem muita oportunidade de serviço, você só não trabalha se não quiser. Onde moro é difícil você ganhar bem, você tem que trabalhar na prefeitura para poder ganhar bem, pois a costura lá eles só querem pagar barato demais, aqui em Toritama trabalho numa lavanderia ganho bem e compensa eu vim todos os dias, e quando preciso durmo na lavanderia. (Entrevistado 7)

Essas informações já nos abrem os olhos para, além da questão das oportunidades, outro ponto importante de análise: a jornada de trabalho extensa. Este mesmo ponto também ressurge quando questionamos sobre a quantidade de filhos, pois dos 15 entrevistados, 12 tem filhos, variando entre 1 a 3 filhos. Para suprir a necessidades dos filhos e prover o sustento da família, muitos trabalhadores informam que se submetem a longas jornadas de trabalho, pois o quanto mais produzirem mais ganham e aqui surge nova informação importante: o salário está ligado com a produção que cada um faz. Exemplo disso é relatado pelos entrevistados 12 e 13:

O pagamento é incerto, tudo depende da produção, quanto eu consigo produzir, por isso trabalho até 14 horas por dia para poder prover o sustento dos meus filhos, pois sou só eu e eles dependem de mim. Por isso aprendi fazer a peça completa caso saia do emprego posso arrumar outro sem problema. (Entrevistado 12)

Tem quinzena que consigo tirar R\$ 1100,00 tudo fruto de horas sentadas na máquina para que não falte nada em casa e para que meus filhos possam ter aquilo que não tive quando criança. Tem dias que trabalho umas 12 a 14 horas por dia durante uns 5 dias por semana. (Entrevistado 13)

O perfil dos trabalhadores informais de facções e lavanderias de Toritama nos mostra uma conexão entre os fatores sociais, culturais, econômicos e pessoais que moldam a trajetória de vida dos entrevistados.

4.2 Dinâmica do trabalhador informal das lavanderias e facções em Toritama

A rotina do trabalho informal em Toritama, traz um cenário com desafios e características específicas da cidade, que é conhecida pela sua atividade econômica voltada para confecção, a qual utiliza em grande parte a mão de obra de trabalhadores informais.

Como já mencionamos no tópico anterior, as jornadas longas e intensas do trabalho são uma realidade enfrentada pelos trabalhadores informais de lavanderias e facções. Exemplos disso são os entrevistados que começam cedo pela manhã e trabalham até tarde da noite para atender às demandas da produção, consequências da época da feira da sulanca que varia no ano, conforme relato dos entrevistados. Eles afirmam que no período da feira do São João e no final do ano, a intensidade do trabalho aumenta.

A respeito disso, Costa (2005), traz que quando as opções formais de emprego são limitadas, o trabalho informal se torna uma forma de garantir a própria sobrevivência e a de sua família. Esses trabalhadores estão dispostos a aceitar condições adversas de trabalho, como longa jornada de trabalho, condições precárias e trabalho intenso, simplesmente porque não têm alternativas viáveis.

Os entrevistados relataram que o início do trabalho começa entre 06:30h à 07:30h da manhã, o seu término variava muito se era dia de “cerão” (nome usado na região para se referir às horas extras), mas a maioria respondeu que terminavam entre 18:00h e 23:00h, ou seja, já temos aqui um período que excede as 8h diárias computadas em lei. Para alguns entrevistados esse horário era diferente, exemplo disso foi relatado pelos entrevistados 4, 6 e o 11:

Como trabalho em casa junto ao aprontamento⁵ do meu marido, acordo 08:00 para ajeitar o mais novo, ajudo um pouco meu marido, faço o café da manhã ajeito a casa na medida do possível, vou para máquina costuro um pouco umas 09:00, faço o almoço se tiver pouca peça, se tiver muita compro o almoço, ajeito o mais velho para escola e vou costurar com o pequeno, de noite faço a jantar e ajeito os meninos coloco para dormi e vou até 02:00 da madrugada costurando as vezes até mais tarde. (Entrevistado 4)

⁵ Aprontamento é a etapa de finalização da peça dentro da facção, são ambientes destinados para colocar os botões, rebites, embalagem e a etiqueta da peça.

Começo a trabalhar as 07:00, paro de 12:00, volto de 13:00, paro novamente 19:30 janto e vou até umas 01:00, pois trabalho no meu aprontamento, as vezes os horários mudam, principalmente quando tenho que aprontar as peças para feira, tem dias que só podemos parar quando terminamos as peças, teve dias que paramos de 03:30 da madrugada e tivemos que voltar de 08:00 da manhã.” (Entrevistado 6)

“Quando pego plantão da manhã começo de 05:30 da manhã, vou almoçar de 11:00 e volto de 12:00 e só paro de 18:30. Já quando fico no turno da noite começo de 18:30, paro de 12:00 da madrugada para jantar e vou até 05:30 da manhã, as até mais dependendo do colega chegar para continuar, pois a rotina na lavanderia não para, são os 6 dias por semana. (Entrevistado 11)

A rotina revela uma jornada de trabalho longa, com intervalos breves para refeições e descanso. Os entrevistados do gênero feminino trabalham em uma dupla jornada, realidade essa enfrentada por muitas mulheres que precisam equilibrar suas responsabilidades do trabalho e em casa. A entrevista de 4 que trabalha na confecção e ainda desempenha as tarefas domésticas, realizando tudo ao mesmo tempo, e ainda levando o filho mais novo para ajudar na confecção enquanto cuida dele, nos revela como consequência disso a inserção das crianças desde pequenas no mundo da confecção, o que mais tarde pode impactar na continuação/reprodução deste trabalho pelos seus.

O entrevistado 2 relatou, que “a pessoa começa cedo, trabalha ao longo do dia e até tarde da noite”, essas jornadas de trabalho prolongadas podem ter impactos negativos na saúde física e mental do trabalhador, especialmente considerando que são realizadas todos os dias. Como citado por Antunes (2007), a flexibilidade e a precarização do trabalho podem gerar impactos negativamente na saúde do trabalhador, e vemos isso no relato do Entrevistado 1, que só para porque o seu corpo não aguenta mais

Acordo cedo, vou para a máquina trabalho um bucado, depois vou fazer um café tomo uma xicara grande, como um pão e depois volto para a máquina trabalho outro bucado tomo café, faço um cuscuz com ovo estico e volto a trabalhar só para umas 09:00 da noite porque é o meu máximo por conta da coluna. (Entrevistado 1)

A respeito dos dias da semana trabalhados, dos 15 entrevistados 12 disseram, trabalhavam de segunda à sábado, 6 dias por semana. Um dos entrevistados trabalha de terça a sábado, 5 dias por semana e os outros 2 trabalham de domingo a domingo, ou seja, os 7 dias da semana. Os relatos dos entrevistados 1, 8 e o 15 demonstram tal rotina:

“Trabalho umas 12 a 16 horas por dia, todos os dias da semana, não tem nada para fazer por isso trabalho de domingo a domingo.” (Entrevistado 1)

“Pelo serviço que faço tem que esperar os outros indo concluir as partes deles para poder começar a minha, por isso começo na terça e encerro no sábado.” (Entrevistado 8)

“Trabalho de domingo a domingo, já estou acostumada é bom porque tenho muita peça para fazer e ganho um dinheiro bom.” (Entrevistado 15)

Quando paramos para pensar lembramos que direitos básicos garantidos pela CLT, parecem não entrar no contexto do trabalho em Toritama, pois uma parte de sua população trabalha com o trabalho informal e não tem, um contrato formal de trabalho que lhes garanta direitos básicos, como por exemplo: o descanso semanal remunerado, férias e outros direitos que são fundamentais para acesso ao lazer dos trabalhadores como citado por Bezerra Leite (2017).

E a dinâmica do trabalho informal requer flexibilidade e adaptação. Por exemplo, um trabalhador pode ter que alternar entre diferentes tipos de tarefas, como corte, costura e acabamento, de acordo com as necessidades da produção. Isso foi relatado pelos entrevistados quando tem que saber fazer mais de uma atividade no processo de fabricação do Jeans. Exemplo disso foi dito pelos entrevistados 9 e o 12:

Começo cedo, trabalho o dia todo nas lavanderias, e à noite passo algumas horas costurando, tenho que fazer isso para poder ajudar minha mulher, e foi ela mesmo que mim ensinou a costurar, pois falou se eu fosse demitido poderia trabalhar costurando. (Entrevistado 9)

O pagamento é incerto, tudo depende da produção, quanto eu consigo produzir, por isso trabalho até 14 horas por dia para poder prover o sustento dos meus filhos, pois sou só eu e eles dependem de mim. Por isso aprendi fazer a peça completa caso saia do emprego posso arrumar outro sem problema. (Entrevistado 12)

Ao falarem sobre a jornada de trabalho, estes trabalhadores trazem as múltiplas funções que são necessárias e associadas a ela, reforçando o que Pereira (2018) disse sobre as acúmulo das funções exercidas pelo trabalhador informal. Trazem ainda o fato de a remuneração muitas vezes estar diretamente relacionada à produção realizada pelos trabalhadores. Por exemplo, quanto mais peças eles produzem, mais recebem. Isso pode levar a uma competição entre

os trabalhadores para produzir mais e, ao mesmo tempo, garantir um sustento adequado para suas famílias. A respeito disso os entrevistados 2, 5 e o 13:

Quando trabalhava no fabrico da minha tia, eu e minha prima fazíamos a frente das peças toda vez era uma briga. Ela era lenta e para não atrasar a produção tinha que fazer uma parte da dela, e quando era dia de receber ela ficava com raiva porque tinha ganhado pouco. Hoje em dia trabalho na rua da minha casa no fabrico da minha vizinha e todas as frentes quem faz sou eu e para dar conta trabalho umas 13 horas por dia, mais ganho muito bem. (Entrevistado 2)

Trabalho numa travete, chega muitas peças de diferentes lugares para podermos juntas as peças, ela tem um maquinário diferentes das que são utilizadas para costura, trabalho muito para poder sustentar minha família por muitas horas por dia, pois só ganho se travetar muitas peças. (Entrevistado 5)

Trabalho em casa, para ganhar muito dinheiro preciso produzir muitas peças, e fora isso tenho que dar conta das peças que o homem que coloca peças pra mim, pois só assim para sustentar os meus filhos. (Entrevistado 13)

Os dados encontrados reforçam os argumentos utilizados por Vêras de Oliveira (2011) e Antunes (2006) ao afirmarem que o trabalho informal é a forma que os trabalhadores encontraram para suprir suas necessidades e trazer o sustento para suas famílias.

E em muitos casos, a dinâmica do trabalho informal envolve também a participação de membros da família, seja em suas próprias casas ou não. Foi relatado pelo entrevistado 8 que seu pai trabalha ao lado dos seus irmãos na facção para ajudar na renda; já os entrevistados 4 e 11 por exemplo disseram que trabalham com membros da família para aumentar a produção e a renda familiar. O entrevistado 7 relatou "meus filhos às vezes vêm me ajudar nas lavanderias depois da escola", já o entrevistado 6 relatou:

Costumo a ajudar meu marido no aprontamento, ele coloca os botões e eu vou colocando os ribites, eu coloco as etiquetas com a numeração da peça e ele vai emboçando (embalar as peças), faço isso para adiantar o trabalho dele e aumenta nossa renda, quando estou costurando e preciso de ajuda ele vem separando ou cortando as linhas, as vezes o meu filho também me ajuda ensino a ele a trabalhar para conseguir as coisas. (Entrevistado 6)

Dos 15 entrevistados, 6 relataram que usam suas casas para trabalharem, fazendo delas unidades de produção. E disseram que em todos os bairros de Toritama é possível ver facções em casas. Isso reforça os argumentos utilizados por Souza (2022) e Burnett (2013) onde colocam o aumento das unidades

produtivas domiciliares estão diretamente ligadas à proliferação das facções, que são pequenas oficinas de produção. Isso pode criar uma segmentação no setor, onde diferentes grupos de trabalhadores estão envolvidos em diferentes etapas da produção, refletindo a diversificação e especialização da economia local.

A proliferação das facções e unidades produtivas domiciliares pode ter um impacto nas comunidades locais, nos bairros e na paisagem urbana de Toritama. No documentário “Estou me guardando para quando o Carnaval chegar” do diretor Marcelo Gomes (2019), podemos visualizar a realidade da cidade de Toritama, como as facções impactaram a cidade e a comunidade. Isso pode envolver tanto aspectos positivos, como a geração de empregos, e os aspectos negativos como a exploração dos trabalhadores e a competição desigual entre diferentes setores da economia.

Portanto, a rotina dos trabalhadores informais de lavanderias e facções nos revela que enfrentam jornadas de trabalho extensas e desafiadoras, com impactos nas relações familiares pela falta de tempo com a família podendo resultar no distanciamento do marido ou esposa e dos filhos, dificultando harmonia, carinho e a amizade; e no equilíbrio entre trabalho e vida pessoal a exaustão pelo excesso de horas trabalhadas deixa pouco tempo para as atividades pessoais, lazer e descanso, isso pode trazer sérios impactos na saúde física e mental dos trabalhadores, o estresse e a fadiga podem surgir como consequência disso.

4.3 As condições de trabalho desses trabalhadores informais

As condições de trabalho muitas vezes são precárias, incluindo ambientes pouco ventilados, desconfortáveis, barulhentos e quentes. Como foi relatado pelos trabalhadores, os mesmos passam horas sentados em posições desconfortáveis, com iluminação inadequada e com os barulhos das máquinas e caldeiras. Embora essas condições possam variar, existem preocupações recorrentes que afetam esses trabalhadores e sua família.

Muitos trabalhadores informais operam em espaços inadequados, como ambientes domésticos, pequenas facções e pequenas lavanderias informais, sem a infraestrutura necessária para garantir um ambiente seguro e saudável

para os trabalhadores. Com os relatos dos entrevistados foi percebido a falta de infraestrutura apropriada, como iluminação adequada, ventilação, ergonomia, uso de equipamento de proteção individual – EPI's, podem levar a problemas de saúde e desconforto físico a longo prazo.

Os entrevistados de facções relatam que trabalham em ambientes domésticos, alguns com separação da casa outros não. Os que são separados da residência trabalham na garagem da casa, são exemplos disso os entrevistados 2, 3 e 5, que relataram:

Trabalho na garagem da minha vizinha, lá trabalham 5 pessoas, eu, a minha vizinha, o filho dela, o esposo e outra vizinha, de manhã a iluminação é até boa mais quando vai chegando de noitinha vai ficando ruim, Toritama é muito quente, só temos um ventilador para todos. (Entrevistado 2)

Trabalho na antiga sala da casa, onde separamos do restante da casa por uma parede e fizemos um banheiro, as cabeiras são aquelas de ferro com elástico, temos que levar de casa uma almofada, chega uma parte do dia que ficamos com a bumbum dormente, a iluminação é até boa coloquei uma luz bem forte para podermos enxergar as linhas e a agulha, quando ficamos com o foco na luz depois saímos com a vista embaçadas. (Entrevistado 3)

Na travete é bem puxada, não podemos mexer nos celulares para não perdemos o foco e acabamos costurando nosso dedo, não podemos ficar de conversa fiada com os colegas, passamos o dia escultado a rádio para poder amenizar o barulho do fundo das máquinas. (Entrevistado 5)

Exemplo de ambientes em que os trabalhadores trabalham em residências e conseguem separar o ambiente domiciliar do ambiente de trabalho pode ser visto também nas figuras 1, 2, 3 e 4, registradas durante as entrevistas. Vale salientar que as fotos foram tiradas com autorização dos trabalhadores:

Figura 1 – Ambiente funcionamento de facção em garagem 1



Fonte: Autoria própria (2023)

Figura 2 – Ambiente com máquinas de costura em garagem



Fonte: Autoria própria (2023)

Figura 3 – Ambiente de uma facção na residência 1



Fonte: Autoria própria (2023)

Figura 4 – Ambiente de facção em residência com peças de Jeans



Fonte: Autoria própria (2023)

Outros entrevistados que trabalham em casa utilizam sua sala, varanda, muro e cozinha, como por exemplo os entrevistados 4 e 13, relataram que:

O bom de trabalhar em casa e porque cuido dos meus filhos, trabalho na sala, no começo o meu filho tinha alergia ao pelo do Jeans, mas depois melhorou, a luz é boa e minha máquina já tem uma luizinha embutida já ajuda, só de noite fica um pouco ruim e a cadeira doi tudo depois de um tempo. (Entrevistado 4)

Trabalho na cozinha, porque lá de dia a iluminação é boa, a noite fica ruim, o barulho pode ser escutado de toda a casa, meus filhos têm que aumentar bastante o volume da tv, a casa fica toda cheia de retalho Jeans (Entrevistado 13)

Exemplo de ambientes em que os trabalhadores não conseguem separar o ambiente domiciliar do ambiente de trabalho pode ser visto nas figuras 5, 6 e 7, registradas durante as entrevistas:

Figura 5 – Entrevistado trabalhando no muro da sua residência



Fonte: Autoria própria (2023)

Figura 6 – Ambiente de uma facção na residência 2



Fonte: Autoria própria (2023)

Figura 7 – Ambiente de uma facção na residência 3



Fonte: Autoria própria (2023)

Os entrevistados das lavanderias relatam que trabalhavam em ambientes pequenos, faziam o uso constante de materiais químicos sem EPI's só usavam uma máscara e às vezes uma luva. O entrevistado 11 relatou que quando ficou nas máquinas secadoras chegou a perder 12 quilos no período de 9 meses; o entrevistado 9 já desmaiou pelo cheiro forte dos produtos químicos: “fiquei muito desnortado com o cheiro e apaguei, acordei depois pelos meus colegas”; o entrevistado 7 relatou que:

Tem uma rampa que temos que levar as peças no carrinho para as secadoras, ficamos com a coluna doendo e um dia o rapaz foi levar sozinho e não conseguiu subir e acabou que o carrinho passou pela perna dele e quebrou na hora. (Entrevistado 7)

Exemplo de ambientes de lavanderias que os entrevistados trabalham, pode ser visto nas figuras 8 e 9:

Figura 8 – Ambiente de uma lavanderia



Fonte: Autoria própria (2023)

Figura 9 – Ambiente de uma lavanderia: caldeiras



Fonte: Autoria própria (2023)

Assim como falado por Antunes (2006) e Vêras de Oliveira (2011), trabalhadores informais são expostos a ambientes precários, que acabam recorrendo ao trabalho informal em busca de sua sobrevivência, não se preocupando com o ambiente que está exposto.

Foram relatados pelos entrevistados que a noite quando chegam em casa é para descansar e dormir, pois estão com cansaço decorrente do dia cheio e com poucos intervalos.

Ao serem questionados sobre pausas para as refeições e idas ao banheiro, os 6 entrevistados que trabalham em casa relataram que não tem uma regra de horários definidos para lanches e quantidades de vezes que podem ir aos banheiros, vão quando necessários. Os 9 entrevistados que trabalham fora de suas residências disseram que para as refeições grandes como almoço e janta tem horários definidos por eles, já os lanches no decorrer do dia não possuem um horário definido depende deles, pois ganham por produção (então a regra implícita é não parar, não perder tempo), com exceção dos entrevistados 7, 9, 11 e 14 que trabalham nas lavanderias que dependem de autorização para lanches. Quando se fala da ida aos banheiros foi relatado que podem ir quando for necessário, os entrevistados 6 e 11 colocam que:

“Meu chefe não reclama de quantas vezes vou no banheiro, posso ir à vontade, mas não sou besta de ir direto, se não vou acabar quando menos só vou quando não consigo segurar mais.” (Entrevistado 6)

“Posso ir quantos vezes quiser, não tem proibição, mas se for direto acaba atrapalhando o funcionamento e posso ser chamando a atenção.” (Entrevistado 11)

A falta de benefícios e de uma segurança social: a natureza informal do trabalho muitas vezes resulta na falta de benefícios trabalhistas, como seguro de saúde, licença remunerada e aposentadoria. Isso coloca os trabalhadores em risco de enfrentar dificuldades financeiras em caso de doenças, acidentes ou aposentadoria. Dos 15 entrevistados só um contribui para o Instituto Nacional de Seguro Social - INSS, que é a entrevistado 14, a qual relatou o motivo de fazer a contribuição:

Passei a contribuir para o INSS depois que fiquei grávida e não pude trabalhar fiquei mais de 7 meses em casa sem fazer nada e sem ganhar nada só dependendo do meu marido, parei e refleti da importância de pensar no futuro. (Entrevistado 14)

Os outros 14 entrevistados, relataram que estão focados no agora, em sobreviver e comprar suas coisas. O entrevistado 3, tem uma fala emblemática sobre isso ao colocar dizer que “o futuro só pertence a Deus” e que em Toritama sempre tem trabalho. A exceção a estes, é o entrevistado 5, que tem uma reserva de emergência caso precise, conforme nos contou.

Para Costa (2005) e Antunes (2006), uma das consequências do trabalho informal é a regressão dos direitos trabalhistas e a falta de regulamentação, os trabalhadores não se importam com os seus direitos, estão preocupados de sair do desemprego. Isso pode ser visto nas falas dos trabalhadores entrevistados, ao citarem a situação do puerpério sem ganhar nada, da necessidade de trabalhar para sobreviver e do aceite das condições postas.

A falta de regulamentação pelos órgãos governamentais acaba deixando os trabalhadores informais mais vulneráveis a flutuações econômicas. Como citado por Vêras de Oliveira (2011), o que dificulta a regulamentação do governo é o fato da transformação de ambientes familiares em facções. Os trabalhadores informais são mais afetados pelas crises econômicas, redução na demanda ou mudanças de consumo. No período da pandemia relatado pelos trabalhadores sentiram dificuldades de conseguir trabalho e peças para trabalhar devido aos fechamentos do comércio e da feira da sulanca. Os entrevistados 8 e 12,

relataram que os fabricantes não conseguiam tecidos para confecção e os que achavam não eram de boa qualidade e os preços estavam altos. Já os entrevistados 3 e 10, relataram que a produção diminuiu e os lucros também.

Falar sobre as condições de trabalho infere também falar sobre o impacto delas nas relações familiares. Percebemos que as longas jornadas de trabalho e a pressão para produzir estão afetando negativamente as relações. Como foi relatado pelos entrevistados que a falta de tempo para a família e para si mesmos está gerando estresse, ansiedade e isolamento social. Exemplos visto em alguns relatos dos entrevistados:

Quando pego o turno da noite não consigo ver meu filho direito, pois quando chegou ele já tem ido para a escola, quando ele chega estou dormindo e quando saiu ele é quem já está se organizando para dormir. (Entrevistado 11)

Tenho dificuldade em passar tempo com minha família devido às longas horas de trabalho, quando chegou estou esgotado tanto fisicamente como mentalmente e acabo indo dormir para aliviar o estresse do dia. (Entrevistado 9)

Para ter um convívio com meus filhos após a escolas eles vem me ajudar, e acabamos conversando sobre como foi o dia deles e o que fizeram, as vezes para e penso que estão crescendo sem mim. (Entrevistado 15)

O relato dos entrevistados 9 e 15, traz uma triste realidade enfrentada por muitos trabalhadores informais de lavanderias e facções destacando-se as consequências do trabalho intenso e desgastante em suas vidas pessoais e nas relações que tem com a família. O entrevistado 9, traz dois aspectos importantes: a dificuldade em passar tempo com a família e a necessidade de um descanso. O trabalho intenso e extenso dificulta passar um tempo com a sua família porque está esgotado, a falta de descanso é resultado do estresse decorrente do dia. O entrevistado 15 fala do impacto no crescimento dos filhos, que devido a sua longa jornada de trabalho, acaba reduzindo o convívio com seus filhos, e percebe que estão crescendo sem a sua presença, o que nos levanta uma questão importante sobre o impacto que a ausência dos pais tem na vida dos filhos.

As condições de trabalho dos trabalhadores informais em Toritama apresentam desafios que vão além das questões individuais. Os desafios estão

ligados ao sistema econômico e social que, em muitos casos, não oferece proteções adequadas para esses trabalhadores. A falta de regulamentação, baixos padrões de remuneração e condições precárias afetam não apenas a qualidade de vida desses trabalhadores, mas também têm implicações na relação familiar deles, como pode ser visto nos relatos anteriores dos entrevistados 9, 11 e 15.

4.4 A realidade dos trabalhadores informais nos momentos de lazer familiar

Com o trabalho frenético e exaustivo, os trabalhadores informais tentam separar um tempo para descansar e ter um momento com a família. A realidade dos trabalhadores informais de lavanderias e facções é respirar trabalho, na medida que fui fazendo as entrevistas em vários bairros da cidade percebi que viver em Toritama é trabalhar. Para onde você olha, são pessoas trabalhando, um simples ato de ver pessoas conversando nas calçadas como antigamente, hoje em dia é distorcido por mulheres e crianças com tesouras limpando peças enquanto conversam.

Achar “tempo” para o lazer é uma tarefa difícil relatada pelos entrevistados. O entrevistado 9, disse que quando tem um tempo livre quer descansar e dormir, que tem semana que não sabe o que é lazer, já o entrevistado 12, disse que “tenho dificuldade em passar tempo com minha família devido às longas horas de trabalho, mas tento dar um jeito de pelo menos jantar juntos”, já o entrevistado 15, falou “o lazer dos trabalhadores é dormir mais um pouco e ficar em casa”. Os fatores externos como: a condição do trabalho, as expectativas sociais e econômicas, a insegurança que o trabalhador tem do emprego (se vai chegar a peça ou não, da sua produtividade) e a falta de tempo, atrapalham a relação dos trabalhadores com a família.

A relação com a família influencia os momentos de lazer dos trabalhadores: a família desempenha um papel importante para o trabalhador tanto no suporte ao trabalho informal quanto na jornada de trabalho e lazer familiar. Os entrevistados que trabalham com a família relataram que têm uma maior facilidade de ter momentos de lazer com a família, por exemplo os entrevistados 4, 6 e 11 que relataram:

Eu e meu marido apesar de toda loucura do dia, procuramos fazer as refeições com os nossos meninos, durante a semana cada um tem um dia para escolher um filme para assistimos quando estamos comendo, eles se empolgam bastantes, conversamos como foi o dia deles na escola. (Entrevistado 4)

Quando estamos sem peças para aprontar eu e minha esposa tiramos um tempo para sair com os meninos, para tomar um soverte, fazer a feira de fruta no domingo e comermos um pastel com caldo de cana, assistir filmes, tudo depende das peças. (Entrevistado 6)

“Trabalho com meu irmão na lavanderia, nos domingos sempre buscamos almoçar com nossas famílias na casa de mãe e repassar para nossos filhos a importância da família.” (Entrevistado 11)

Para os entrevistados que não trabalham com a família relataram que têm uma maior dificuldade de ter momentos de lazer mais recorrentes, exemplo disso foi relatado pelo entrevistado 5:

Minha esposa também trabalha em fações, nossos horários não se batem quando faço cerão ela não faz, pois não tem peças, quando não faço cerão ela faz, na maioria do tempo nossos horários se desencontram. As vezes penso que o trabalho dar muitas oportunidades, mas te priva de muitos momentos com a família, amigos e descanso. (Entrevistado 5)

O entrevistado 1 relatou que “pra falar a verdade eu só conto com o meu trabalho mermo, porque minha família mora tudo longe”, ela só fala com as filhas pelo WhatsApp, vive só para o trabalho, isso reforça o argumento citado por Negreiros (2010), que viver em Toritama é trabalhar, e que a população tem isso como prioridade. Já o entrevistado 3 relatou que é só ela e o marido “quando saio do trabalho e vou pra casa esqueço tudo e foco em descansar, tomar uma cerveja, fazer minhas coisas de casa”. O entrevistado 10 relatou:

Minha vida é muito corrida, trabalho demais, tem dias que só vejo meus filhos na hora de acordá-los para irem à escola e na hora das refeições e meu marido na hora de dormir, pois ele também trabalha numa fação e nossos horários desencontra, eu sei que meu trabalho afeta minha relação com minha família, mas vou fazer o que? (Entrevistado 10)

Nos momentos de lazer com a família, os entrevistados relataram que costumam se reunir com a família principalmente no domingo para o almoço em família, assistir uma novela ou filme. Exemplo de alguns lazeres familiares dos entrevistados:

“O lazer que tenho com minha família é no domingo à tarde faço um churrasquinho em casa para tomar uma gelada para relaxar.” (Entrevistado 2)

No tempo livre levo os meninos pra passear no sítio da minha mãe que fica em outra cidade, levo para tomar banho no rio quando estamos lá, levo para tomar um soverte, levo na casa das minhas irmãs para eles brincarem com os primos (Entrevistado 4)

“No meu tempo livre busco ficar com meu filho pequeno, ensino ele a andar de bicicleta, assisto desenhos com ele e dou atenção a minha esposa.” (Entrevistado 9)

“Quando vou fazer a feira de frutas e legumes gosto de levar os meus filhos, já passo um momento com eles e no final das compras vamos comer pastel e caldo de cana.” (Entrevistado 14)

Aos domingos a noite levo minha família para igreja para adoramos a Deus e agradecer por tudo que ele nos deu, quando saímos vamos lancha na lanchonete ou numa pizzaria, cada semana uma pessoa pode escolher o lugar. (Entrevistado 2)

Os momentos de fazer com a família são simples que estão na sua rotina da semana como um almoço, assistir um filme, idas às compras, descansar, ir à igreja e ficar em casa, mas são justamente nesse tempo que os trabalhadores informais de lavanderias e facções tem para aproveitar com a família.

4.5 Programações de lazer disponíveis e “acessíveis” a essas famílias

Conforme vimos no tópico anterior, as opções de lazer dos trabalhadores são limitadas principalmente à presença da família. Mas, e o que a cidade oferece para seus moradores e conseqüentemente seus trabalhadores e trabalhadoras? Buscamos investigar isso e percebemos que as programações de lazer que os trabalhadores informais têm, possuem restrições de tempo disponíveis e financeiras, devido a imprevisibilidade do trabalho e da produtividade do trabalhador.

O que o município de Toritama tem oferecido para os trabalhadores da cidade, são segundo alguns entrevistados as tradicionais festas de fevereiro e dezembro que são feitas com parcerias da igreja; o Moto Fest Toritama e o Natal de Jesus. As festas tradicionais da cidade são uma válvula de escape para os trabalhadores informais levarem suas famílias e se divertirem. Ademais, os entrevistados relataram que em algumas datas comemorativas a cidade fica em festa. Essas são as datas das festividades religiosas da Igreja Católica, da

padroeira da cidade, as quermesses e Festival do Jeans, que além das bandas irem para a cidade, também é possível encontrar parques de diversão e barraquinhas. São nesses momentos que levam seus filhos para se divertirem. Exemplo disso foi relatado pelos entrevistados 4 e 9:

Quando chega dia 02 de fevereiro, os meninos ficam alegres, porque os parques chegaram levo eles para brincarem no pula-pula, cama-elástica, roda gigante, pedem para comer nas barraquinhas da igreja bolo, cachorro-quente, algodão doce, vamos no show do padre. (Entrevistado 4)

No festival do Jeans gosto de aproveitar as bandas com a minha esposa são três dias de festa, ter só nosso momento de casal, em dezembro tem festa da igreja, levo meu filho pra andar nos parques mostro a ele a tradição que são essas festas, vamos a missa e depois comemos nas barraquinhas da quermesse. (Entrevistado 9)

Já outros entrevistados relataram que de ambiente para aproveitar com a família não tem, exemplo disso foi relatado pelos entrevistados:

“Aqui em Toritama só tem trabalho, o lazer só é para quem pode e quem não pode tem que ficar em casa, fazer o quer? E aqui só tem mais é bar para o povo tomar uma pinga mais nada.” (Entrevistado 1)

O ruim é que aqui em Toritama não tem nenhum lazer para quem trabalha em Toritama, quando é dia da feira da sulanca a cidade fica um caos de carros e ônibus, não dar para sair direito para as outras cidades. (Entrevistado 2)

Aqui em Toritama está faltando uma praça bem boa, um parquinho para os meninos brincarem com um monte de coisa para fazer, um cinema vários ambientes de lazer para a família e o trabalhador. (Entrevistado 5)

“Em Toritama está faltando tantas coisas; o município poderia investir mais em lazer essa cidade respira a trabalho, os trabalhadores precisam descansar.” (Entrevistado 8)

Em relação ao momento de férias dos trabalhadores, os entrevistados disseram que só tiram férias em dois momentos no ano: Carnaval e final do ano (Natal e Ano Novo), que é quando a produção cai, não tem peças para trabalharem e eles podem aproveitar a família e descansar. Os entrevistados relataram que:

Me dedico bastante no trabalho, sou ser humano preciso descansar, nossa vida aqui em Toritama é muito puxada, por conta disso só conseguimos tirar férias 2 vezes no ano, que é quando a cidade para, não ouvimos os barulhos das máquinas. (Entrevistado 11)

No final do ano o pessoal que são de outras cidades vão aproveitar suas famílias, e a gente vai rever nossos parentes, tem que levar a família toda, nossos filhos para brincarem com os primos, mostro os lugares de quando pequena brincava com os meus 10 irmãos, vamos conhecer os tios do eu pai, tomar sorvetes e brincar no sertão da Paraíba. (Entrevistado 4)

Nas férias de final de ano, aproveito muito para passar mais tempo com minha família, para compensá-los dos momentos que não posso, porque estou muito cansado ou por estar trabalhando, fazemos muitas coisas juntos, meus filhos gastam muito quando vamos pescar e preparar o peixe para comer na beira do rio, ajudo os meus pais a limpar o mato arredor na casa e preparar o terreno para próxima colheita. (Entrevistado 7)

O único momento que paro mesmos é no carnaval, me organizo, trabalho bastante no período que tem peça para levar a família para curtir a praia, relaxar e aproveitar para tomar uma cerveja.” (Entrevistado 9)

Toritama só para mesmo no período de carnaval e no final de ano, essa é a nossa realidade, só nesses momentos sabemos o que é lazer de verdade. Para viajar no carnaval nessa época do ano é cara, mas dou um jeito, quando está chegando trabalho mais, faço hora extra todos os dias para os meus filhos aproveitarem um pouco, digo a eles que agora posso ficar com eles, levo para passearem e tomar sorvete, já teve ano muito apertado que não conseguimos viajar eles ficaram triste e prometi que ano vinha eles iriam, e foi o que fiz trabalhei bastante para eles ficarem felizes. Entrevistado 13)

As coisas podem até está ruim (questão financeira), me aperto faço uns bicos (trabalho extra), mas não passo o carnaval em Toritama levo a família para descansar um pouco como forma de retribuir os momentos que não fiquei com eles, gosto de ver os meninos correndo e brincando na areia, fazendo os castelos e sentindo o gosto salgado do mar, isso compensa todos os momentos trabalhando até 22:00 e 23:00 da noite. (Entrevistado 14)

Essa realidade da cidade parar no Carnaval é retratada no documentário “Estou me Guardando para quando o Carnaval chegar”, de Marcelo Gomes (2019). No documentário de 85 minutos, é possível ver e ouvir relatos próximos aos dos nossos entrevistados: a cidade para no Carnaval. Porém, é importante atentar para o fato de que nas semanas que antecedem tal data, o trabalho torna-se ainda mais intenso, pois é o momento em que eles precisam produzir para vender.

Os entrevistados também relataram que a renda é crucial para escolhas de lugares para levar a família para relaxar e se divertir, mas a qualidade de vida muitas vezes é sacrificada, por escolhas de alguns lugares e conseqüentemente os trabalhadores aumentam a jornada de trabalho e sua intensidade.

Os programas de lazer para os trabalhadores são fundamentais para o seu descanso e tem um papel crucial no relacionamento com sua família, proporcionando uma melhor qualidade de vida para esses trabalhadores, reforçando o argumento de Negreiros (2010), de que os trabalhadores destinam pouco tempo para o lazer e descanso. Este é, assim, um dilema enfrentado por muitos informais da cidade de Toritama: o equilíbrio entre as demandas do trabalho e o desejo de passar mais tempo com a família.

4.6 Reflexão da relação entre vida privada e o trabalho dos informais

A relação entre a vida privada e a vida no trabalho dos trabalhadores informais de facções e lavanderias é cheia de percalços e desafios que são enfrentados. Ao longo das entrevistas já foi possível perceber algumas dessas questões, mas especificamos aqui, mediante a aplicação do roteiro de entrevista, esse ponto.

A falta de uma separação do ambiente de trabalho: é uma das principais características vivenciadas pelos trabalhadores informais de facção, como relatados pelos entrevistados 1, 4, 6, 10 e 12, pois as facções nas residências não possuem uma separação do ambiente de trabalho e do convívio familiar, trazendo como consequência uma sobrecarga constante nas tarefas, aumento das responsabilidades de trabalho e falta do tempo pessoal do trabalhador. Exemplo dessa não separação pode ser visto nas figuras 10,11, 12 e 13, registradas durante as entrevistas:

Figura 10 – Facção alocada na cozinha da residência



Fonte: Autoria própria (2023)

Figura 11 – Facção alocada na sala da residência



Fonte: Autoria própria (2023)

Figura 12 – Ambiente de uma facção (aprontamento) na residência



Fonte: Autoria própria (2023)

Os trabalhadores adaptam suas casas para poderem trabalhar, e com isso vemos a transformação das residências em ambientes de produção, ocasionando a diminuição do espaço de residência em prol do aumento do espaço produtivo. O lar tem o seu ambiente invadido pelo processo de produção do Jeans e eles, os trabalhadores, acabam que não, são capazes de descansar em suas próprias casas pelo barulho excessivo das máquinas e por dividir o seu ambiente com trabalho. Os entrevistados 6 e 10 relataram que:

Como forma de passar mais tempo, com os meninos optei em trabalhar em casa fiz meu aprontamento na minha sala e minha esposa trabalha na cozinha da casa costurando, tudo está junto o barulho frenético da máquina atrapalha os meninos de se concentrar para fazer o dever de

casa e minhas máquinas vão até tarde da noite as vezes atrapalham os meninos dormirem ou de assistir. (Entrevistado 6)

Costuro na garagem de casa para ficar mais perto dos meus filhos, às vezes para passar mais tempo comigo meus filhos costumam brincar nas peças e tem vez que acabam dormindo, já estão acostumados com o barulho. (Entrevistado 6)

Os entrevistados 7, 9, 11 e 15, disseram que é difícil encontrar um equilíbrio adequado entre o trabalho e a vida privada, pois muitas vezes não há uma separação, o que dificulta a busca pela sobrevivência financeira e familiar, ocasionando a falta de tempo e recursos para o lazer e o autocuidado afetando negativamente a qualidade de vida e o descanso dos trabalhadores informais. Exemplo disso foi relatado pelos entrevistados 2, 7 e 15:

“O trabalho ocupa a maior parte do meu dia, e mal tenho tempo para mim imagina para os outros, quando chego em casa só quero tomar um banho e dormir.” (Entrevistado 7)

“Às vezes sinto que minha vida pessoal é sacrificada pelo trabalho constante que faço, é como se eu perdesse uma parte de mim.” (Entrevistado 15)

Tem dias que não consigo pensar em mim trabalhando em outra coisa sem ser o Jeans, as vezes para e penso que tenho que cuidar mais de mim, arrumar o cabelo, fazer as sobrancelhas, as unhas sabe? essas coisas de mulher, mas não tenho tempo quando posso parar não tem mais nenhum salão aberto até tarde da noite. (Entrevistado 2)

Como relatado nas entrevistas, os trabalhadores informais de lavanderias e facções se sacrificam seja para proporcionar uma vida melhor para os filhos, pela oportunidade do primeiro emprego, sobrevivência familiar ou mudança de vida e acabam deixando suas vidas pessoais em segundo plano. Os entrevistados 7 e 8 relataram:

Sinto que deixo, minha vida de lado para poder focar no trabalho vivo para o trabalho, não me entenda mal, amo trabalhar e a coisas que mais faço no meu dia Toritama nos dar oportunidade de não ficarmos sem emprego, de lutar cada dia por melhoras, por proporcionar uma vida melhor para nossos filhos, mas no meio do processo acabamos perdendo a nossa identidade. Focamos em ser donos dos nossos próprios negócios, que não dependemos de patrões que temos a maior flexibilidade em fazer essas tarefas e acabamos trabalhando mais de 12 horas por dia. (Entrevistado 8)

Venho todos os dias de outra cidade, viajo umas três horas por dia acordo cedo e venho atrás de oportunidade, der dar uma melhor qualidade de vida aos meus filhos e família, sei que me sacrifico por eles, mas, faço isso para dar o que não tive quando criança, trabalho muito, para que eles trabalhem com a mente. (Entrevistado 7)

Isso nos leva a refletir sobre como ocorre a separação entre a vida privada e o trabalho dos trabalhadores. Dos 15 entrevistados, 10 disseram que não conseguem separar a vida privada do trabalho, que elas são uma só, o que colabora para o argumento de Costa (2011), que a vida pessoal e profissional está interligada, isso acontecer porque os trabalhadores trabalham durante os finais de semana e as longas jornadas excessivas de trabalho, não sobrando muito tempo para descansar, que a vida privada passou a acontecer sobre a influência das demandas do trabalho. Os entrevistados 1, 4, 8 e 9 relataram que:

“Eu nem sei o que é isso de separar, pra mim é a mesma coisa, pois vivo para o trabalho nele encontro o meu conforto é minha companhia de todos os dias.” (Entrevistado 1)

Não vejo nenhuma separação ta tudo muito junto, trabalho em casa acho que isso colabora, pois pra onde eu olho tem máquinas, peças, linhas. Quando os dias estão corridos acabo almoçando em cima da máquina, começo a trabalhar cedo e só término tarde da noite. (Entrevistado 4)

Às vezes não tem essa separação, pois não podemos recusar trabalho quando se tem, trabalhamos até tarde, as nossas noites quando chegamos em casa é só para dormi e pronto não dar para fazer quase nada, tem dias que acabo sonhando que estou trabalhando nesses dias acabo trabalhando as 24 horas né. (Entrevistado 8)

Tem dias que trabalho nos três horários, no pesado na lavanderia e quando chego em casa costuro com minha esposa, me diga como uma pessoa que trabalha muitas horas consegue separar sua vida privado do trabalho? Nossas vidas são influenciadas pelo no nosso trabalho, está tudo conectado, você querendo ou não um influencia o outro. (Entrevistado 9)

Os entrevistados que relataram que conseguem separar sua vida privada do trabalho passaram por episódios de estresse, ansiedade e cobranças, chegaram ao seu limite, isso colabora para o argumento de Viapiana et al (2018), que o estresse e a ansiedade devido ao trabalho são consequências das condições de trabalho e do contexto social que influenciar negativamente na saúde psicológica do trabalhador. Os entrevistados relataram que se não tivessem parado um pouco acabariam doentes e escravos do trabalho. Exemplo disso foi relatado pelos entrevistados 3, 5 e 11:

Quando eu trabalhava em uma facção em Lajes, trabalhava umas 15 horas era na mesma rua que morava acabava sendo conveniente trabalhava muito e ganhava pouco, me cobrava muito nesse tempo só eu estava trabalhando então tinha que costurar mais, acabei tendo

crises de ansiedade forte e tive que parar não conseguia mais costurar. Foi quando sair e minha prima chamou para trabalhar com ela em Toritama trabalhava menos e ganhava mais aí fui, hoje não faço cerão, trabalho longe de casa e quando chego em casa posso tomar uma cerveja e relaxar um pouco. (Entrevistado 3)

Antes trabalhava em outra travete lá o ambiente era pesado todos falavam mal uns dos outros, não me sentia bem chegava todos os dias estressado, ia trabalhar com raiva no apulso, até dá um basta e procurar outro. Hoje o ambiente é leve gosto de ir trabalhar as vezes quando tem cerão marcamos uma sopa para jantar lá e quando chego em casa foco só na minha esposa e vamos viver. (Entrevistado 5)

Trabalhar tem uma lavanderia me dedicava muito a ela trabalha mais do que todo mundo, e não era reconhecido quando me machuquei fiquei sem trabalhar todo mundo viraram as costas para mim, acabei tendo uma depressão, foi difícil até meu primo me chamar para trabalhar na lavanderia que ele trabalhava que lá era bem mais tranquilo e foi o que eu fiz me recuperei e comecei a trabalhar lá, percebi que não precisa se dedicar demais ao trabalho e acabar esquecendo da vida fora dele. Quando chego em casa procuro esquecer o trabalho e tirar um tempo para descansar e aproveitar o meu filho. (Entrevistado 11)

A relação entre a vida privada e o trabalho dos trabalhadores informais de lavanderias e facções é complexa e desafiadora. Enquanto a flexibilidade do trabalho pode ser benéfica, a insegurança financeira e o estresse podem criar desafios significativos na saúde, na relação familiar e na relação do trabalho desses trabalhadores. Encontrar um equilíbrio entre trabalho e vida é um desafio constante que os trabalhadores enfrentam, e a falta de benefícios que são assegurados pelas leis trabalhistas e segurança social é uma preocupação. Apesar desses desafios, muitas facções familiares acabam fortalecendo os laços familiares.

Com o sonho de uma qualidade de vida melhor, os trabalhadores se submetem a condições adversas do trabalho, saem de suas casas e cidades em busca de uma alternativa aos trabalhos rurais ou ao desemprego, nesse contexto não é importante o acesso aos direitos trabalhistas, só se pensa em sobreviver. Isso levanta questões sobre a importância de políticas e intervenções governamentais para melhorar as condições de trabalho e facilitar um equilíbrio saudável entre vida pessoal e profissional para esses trabalhadores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem diversos estudos sobre o Polo de Confecção do Agreste e a informalidade presente nesse meio produtivo, estudos esses abrangem uma gama diversificada de questionamentos, contudo, poucos deles abordam especificamente a relação de trabalho e vida privada dos trabalhadores das facções e lavanderias no município de Toritama, a maioria discute as implicações da informalidade nas relações de trabalho, precarização e condições do trabalho.

Ao longo da pesquisa foi possível perceber que a dinâmica do trabalho é marcada pela extensa presença da informalidade nas unidades produtivas e nas etapas da produção do Jeans, na maior parte das facções e lavanderias, caracterizados por ausência de padrões estabelecidos, de controle organizacional e de separação dos ambientes de trabalho das residências familiares. Onde as unidades produtivas em sua maior parte dividem o mesmo ambiente dos cômodos familiares, como sala, cozinha, quartos e outros.

Outro ponto que chama atenção são as longas jornadas trabalhadas, sendo alguns casos que passaram de 16 horas trabalhadas por dia, tendo entrevistados que trabalham cinco dias a outros que trabalham sete dias da semana com a jornada de trabalho grande, às vezes não sobrando tempo para lazer ou cuidados com a própria saúde.

Nesse sentido, a família tem um papel importante para o trabalho informal, pois estão inseridas no processo de produção. As condições de trabalho vivenciadas pelos trabalhadores muitas vezes são precárias, incluindo o ambiente com pouca ventilação, barulhentos e pequenos, alguns entrevistados utilizam suas residências como facções, dificultando na separação dos ambientes prejudicando o convívio da família e a separação do ambiente de trabalho.

Muitos trabalhadores não conseguem ver a separação da vida no trabalho com a vida privada por conta de suas longas jornadas de trabalho ou por trabalharem em suas residências, dificultando o seu tempo livre para descansar e ter um lazer com sua família, deixando sua vida às vezes em segundo plano vivendo só para o trabalho. E os outros que conseguem realizar essa separação, a fizeram através de dificuldades enfrentadas que os levaram a parar um pouco para refletir se estavam trabalhando para viver ou se viviam para trabalhar.

O papel da pesquisadora enquanto sujeito não neutro diante da realidade estudada, a escolha do tema possui inúmeras justificativas e motivos, primeiramente o fato de a principal atividade econômica do município de Toritama advir da produção do Jeans, onde os trabalhadores por ausência da oferta de empregos formais transformam suas residências em ambientes de produção, relacionando vida privada e relação do trabalho quase que na integralidade de seu tempo. Mas mais que isso, é necessário colocar a experiência social e cotidiana da pesquisadora com essa realidade influencia a escolha do tema, pois meus familiares, vizinhos e em todas as ruas do município de Toritama, tem pessoas trabalhando direta ou indiretamente na produção do Jeans e muitos deles na informalidade. Além disso, quando entrei na Universidade, pensei que tinha que fazer o meu tema relacionado a Toritama, como forma de contribuição para a cidade e sociedade.

Para as futuras pesquisas, recomenda-se fazer mais entrevistas com as pessoas que trabalham nas lavanderias para fazer uma comparação de como os trabalhadores informais lidam com a relação trabalho e vida privada em relação aos trabalhadores formais de lavanderias. Sugerimos ainda pesquisas na área da informalidade voltadas para o lazer dos trabalhadores informais, especificando o prazer que eles têm no trabalho já que dedicam muitas horas do dia a ele.

O trabalho se encerra destacando a importância do desenvolvimento de políticas públicas sejam a médio ou longo prazo, que forneçam às famílias, alternativas de lazer e espaços sociais. Também ressaltamos a importância de parcerias com entidades que ofereçam cursos profissionalizantes, de educação financeira e gestão.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Mônica Maria Torres de. O apoio às pequenas unidades produtivas no Brasil: alternativa ao desemprego ou (des)construção do trabalho assalariado no Brasil. In: FRANCISCO, Elaine MarlovaVenzon; ALMEIDA, Carla Cristina Lima de (Orgs). **Trabalho, território e cultura: novos prismas para o debate das políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2007.

ANTUNES, Ricardo (org) **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil.Vol. I**. São Paulo: Boitempo, 2006.

ARAÚJO, Angela Marisa Carneiro. **O trabalho flexível e a informalidade reconfigurada**. In: VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto; GOMES, Darcilene; TARGINO, Ivan (org). **Marchas e contramarchas da informalidade do trabalho: das origens às novas abordagens**. JoãoPessoa: Editora Universitária, 2011

ARAÚJO, Mário José. **Memórias da Minha Terra Toritama**. Recife: CEPE, 2007

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1st ed. São Paulo: LDA/Almedina Brasil; 2012.

BEZERRA LEITE, Carlos Henrique. Curso de direito do trabalho. 10.ed. São Paulo: LTr, 2017.

BRAGA, Bruno Mota. **A dinâmica formal-informal do trabalho no território comercial de Toritama: o que está mudando?** Dissertação do mestrado (ciências sociais) PPGSC=UFCG, Campina Grande, Paraíba, 2014 p. 89

BRAGA, Bruno Mota. **O informal como tecido social: os arranjos econômicos, sociais e laborais que constituem o agreste das confecções**. Pernambuco Brasil, Bruno Mota Braga. – 220 F

BURNETT, Annahid. **A “saga” dos retalheiros: um estudo sobre a instituição dafeira da Sulanca no Agreste Pernambucano**. *Revista de Ciências Sociais*, v. 3, n. 2, p. 09-40, 2013.

CASSAR, Vólia Bonfim. *Direito do Trabalho*. 4ª Ed. Rio de Janeiro, 2010

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; DA SILVA, Pedro. **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, v. 6, 2007.

COSTA, Márcia da Silva. **O sistema de relações de trabalho no Brasil: alguns traços históricos e sua precarização atual**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, V. 20, n. 59, p. 111-131, 2005

CRESWELL, J.W. **Qualitative Inquiry & Research Design: choose among five approaches**. 1 ed. Thousand Oaks (California): Sage, 2013

DELGADO, Maurício Godinho. Curso de direito do trabalho. 16.ed. São Paulo: LTr, 2018.

DRUCK, Maria da Graça. **Terceirização (des)fordizando a fábrica**. São Paulo: Boitempo; Salvador: Edufba, 1999.

DRUCK, Maria da Graça.. Precarização e Informalidade: algumas especificidades do caso Brasileiro In: VÉRASDE OLIVEIRA, Roberto; GOMES, Darcilene; TARGINO, Ivan (org). **Marchas e Contramarchas da Informalidade do trabalho**: das origens às novas abordagens. João Pessoa: Editora UFPB, 2011.

FERREIRA, Monalisa. **Trazer a economia para a formalidade é um grande desafio do agreste. Gente & Negócio**, Rafael Dantas. Revista algomais. Publicado em 17 de novembro de 2022. Disponível em : [https://revista.algomais.com/trazer-a-economia-para-a-formalidade-eumgrande-desafio-doagreste/#:~:text=O%20que%20a%20Sra%20apontaria,Estat%C3%ADstica%20\(IBGE%2C%202022\)](https://revista.algomais.com/trazer-a-economia-para-a-formalidade-eumgrande-desafio-doagreste/#:~:text=O%20que%20a%20Sra%20apontaria,Estat%C3%ADstica%20(IBGE%2C%202022).). Acessado em 24 de junho de 2023

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil-UAB/UFRGS e pelo curso de Graduação Tecnológica-Planejamento e Gestão para o desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Editora da UFRGS, v. 2, 2009

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicos de pesquisa social**. 6 Ed. São Paulo: Atlas, 2008

GOMES, Marelo. **Estou me guardando para quando o carnaval chegar**. Brasil. vitrine filmes. 2019. documentário. 85min. disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZAXyQcD3Xs8&ab_channel=Prof.JefersonLemos. acessado em: 11 de setembro de 2023

HART, Keith. **Informal income opportunities and urban development in Ghana**. In: **The Journal of Modern African Studies**, v. II, n. 1, março, 1973. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4410580/mod_resource/content/0/Hart,%201973.pdf. Acessado em 01 de abril de 2023

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **Toritama**. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/toritama/panorama>. Acesso em: 3 de maio de 2010

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **Toritama**. 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/toritama/panorama>. Acesso em: 3 de maio de 2020

LIRA, Sonia Muito. **Além da Feira da Sulanca: a produção de confecção no Agreste-PE**. Recife: EdUFPE, 2011

MELO, Josimery Amaro; SOUTO, Jackson Vital. **O espaço do trabalho**

informal na sociabilidade capitalista. XIII Jornada do Trabalho. Presidente Prudente/ SP. 09 a 12 de outubro de 2012. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/jtrab/n1/51.pdf> Acesso em: 09 de maio de 2023

MPT. Ministério Público do Trabalho- Pernambuco. **MPT em Pernambuco realiza força-tarefa em lavanderias do polo têxtil no Agreste de Pernambuco. disponível em:** <https://www.prt6.mpt.mp.br/informe-se/noticias-do-mpt-go/2751-mpt-em-pernambuco-realiza-forca-tarefa-em-lavanderias-do-polo-textil-no-agreste-de-pernambuco> acessado em 29/06/2023

NEGREIROS, Erica Paula Elias Vidal de. **Viver em Toritama é trabalhar.** Recife: UFPE. CCSA. Serviço Social, 2010. P.80

OLIVEIRA, Vanessa. **Direitos Trabalhistas: histórias, políticas e reformas.** Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP. Ouro Preto. 15/06/2022 Disponível em: <https://ufop.br/noticias/em-discussao/direitos-trabalhistas-historia-politicas-e-reformas#:~:text=No%20Brasil%2C%20a%20primeira%20legisla%C3%A7%C3%A3o,di%C3%A1rias%2C%20f%C3%A9rias%20e%20liberdade%20sindical>. Acessado em 08 de junho de 2023

PEREIRA, Ana Márcia Batista Almeida. **Dinâmica formal-informal em lavanderias de Jeans e suas implicações nas relações de trabalho.** Tese (doutorado) - Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Programa de Pós-graduação em Administração (PPGA), João Pessoa, PB, Brasil, 2018. 330f.

SANTOS, F. M. dos. **Análise de conteúdo: a visão de laurence BARDIN.** Revista Eletrônica de Educação, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 383–387, 2012. DOI: 10.14244/19827199291. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/291>. Acesso em: 30 ago. 2023

SEBRAE; **“Estudo Econômico das Indústrias de Confeções de Toritama - PE”;** 2019; Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/PE/Anexos/RELATORIO-TORITAMA-FINAL.pdf>. Acesso em: 25 abril de 2023

SILVA, Thiago Leibante. **Trabalho, construção civil e informalidade: um estudo sobre trabalhadores de pequenas obras.** Curitiba. Repositório UFPR. 2018. P. 210. Disponível em : <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/58528/R%20-%20T%20%20THIAGO%20LEIBANTE%20SILVA.p%20df?sequencia=1&isAllowed=y>. acessado em 10 de junho de 2023

SOUZA, Rivelton Lima de. **Relações de trabalho e a informalidade nas confecções de Jeans da cidade de Vertentes-PE** / Rivelton Lima de Souza. - Caruaru, 2022

THEODORO, Mário. **As características do mercado de trabalho e as origens da informalidade no Brasil.** In: RAMALHO, Jether; ARROCHELLAS, Maria

Helena. Desenvolvimento, subsistência e trabalho informal no Brasil. São Paulo: Cortez, 2004

VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto Vêras **O Polo de confecções do Agreste de Pernambuco: elementos para uma visão panorâmica.** In: VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto; SANTANA, Marco Aurélio (orgs.). Trabalho em territórios produtivos reconfigurados no Brasil. Editora da UFPB: João Pessoa, 2013

VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto Vêras; BRAGA, Bruno Mota. **Território comercial de Toritama: persistência e metamorfoses da informalidade.** *Revista de Ciências Sociais Política & Trabalho*, João Pessoa, n. 41, p. 193-225, out. 2014

VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto. **O polo de Confecção do Agreste Pernambucano: ensaiando uma perspectiva de abordagem.** In ARAÚJO, Ângela Maria. São Paulo: Annablume, 2011 Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-35-encontro/gt-29/gt36-5/1250-o-polo-de-confecoes-do-agreste-de-pernambuco-ensaiando-uma-perspectiva-de-abordagem/file> acessado em 02 de março de 2023

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 16 Ed. São Paulo: Atlas, 2016.

VIAPIANA, Vitória Nassar; GOMES, Rogério Miranda; ALBUQUERQUER, Guilherme Souza Cavalcanti de. **Adoecimento psíquico na sociedade contemporânea: notas conceituais da teoria da determinação social do processo saúde-doença.** Rio de Janeiro, V.42, N. ESPECIAL 4. P.175-186. DEZ 2018. Disponível em: scielo.br/j/sdeb/a/Y36fDqvZL5Js4nnWpXrYpBb/?format=pdf&lang=pt. Acessado em: 10 de setembro de 2023

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

TCC: ANÁLISE DA RELAÇÃO TRABALHO-VIDA PRIVADA DOS TRABALHADORES INFORMAIS DE LAVANDERIAS E FACÇÕES DA CIDADE DE TORITAMA-PE

PARTE 1 – PERFIL DOS TRABALHADORES

- 1) Qual a sua idade?
- 2) Em que bairro ou/e cidade você mora?
- 3) Qual é o seu nível de escolaridade?
- 4) Você tem filhos? Se sim, quantos?
- 5) Com quem você mora?
- 6) Quantas pessoas trabalham na sua casa? Elas trabalham com lavanderia/facção?
- 7) Se não trabalham com lavanderia/facção, em que trabalham?
- 8) Com quantos anos você começou a trabalhar? Foi em uma lavanderia/facção de Jeans?
- 9) Há quanto tempo você trabalha com lavanderia/facção de Jeans?

PARTE 2 – ROTINA DE TRABALHO

- 1) Como é o seu dia a dia de trabalho?
- 2) Qual é o trabalho desempenhado por você na lavanderia/facção?
- 3) Como é a rotina nas facções/lavanderias?
- 4) Quantos horas por dia você trabalha?
- 5) Você faz horas extras/cerão?
- 6) Você tem horários definidos de lanches, almoço e jantar?

- 7) Quantos dias você trabalha por semana?
- 8) Quais são as condições do ambiente de trabalho?
- 9) Você contribui para o INSS?
- 10) Quais são os equipamentos/máquinas que você utiliza no processo produtivo no dia a dia nas facções/lavanderias?

PARTE 3 – RELAÇÃO DE TRABALHO E RELAÇÃO FAMILIAR

- 1) Como é a sua relação de trabalho?
- 2) Como é a sua relação familiar?
- 3) Nos dias que não está trabalhando, o que você faz?
- 4) Como é a separação entre sua vida trabalho e sua vida privada?
- 5) Como é o seu horário de trabalho? Tem um horário fixo? Como é feito?
- 6) Você possui algum tipo de contrato de trabalho?
- 7) Quais são as suas práticas/ações no tempo de descanso ou livre?
- 8) Qual a sua percepção do trabalho que desempenha?
- 9) Quais são os ambientes de lazer que você e sua família utilizam?
- 10) Você e sua família tira férias?
- 11) O que a prefeitura de Toritama tem oferecido de lazer para os trabalhadores de confecções do município?